

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE MATEMÁTICA - PPGMAT

THAÍS MAIARA BAILÃO

NARRATIVAS SOBRE O COLÉGIO ESTADUAL DO
PATRIMÔNIO REGINA: UMA HISTÓRIA AINDA NÃO
CONTADA

Londrina
2019

THAÍS MAIARA BAILÃO

NARRATIVAS SOBRE O COLÉGIO ESTADUAL DO
PATRIMÔNIO REGINA: UMA HISTÓRIA AINDA NÃO
CONTADA

Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, multicâmpus Londrina e Cornélio Procópio, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de Matemática.

**Orientadora: Prof.^a Dra. Línlya Natássia Sachs
Camerlengo de Barbosa**

Londrina
2019

TERMO DE LICENCIAMENTO

Esta Dissertação está licenciada sob uma Licença Creative Commons *atribuição uso não-comercial/compartilhamento sob a mesma licença 4.0 Brasil*. Para ver uma cópia desta licença, visite o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, Califórnia 94105, USA.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca UTFPR - Câmpus Londrina

B153n Bailão, Thaís Maiara

Narrativas sobre o Colégio Estadual do Patrimônio Regina: uma história ainda não contada / Thaís Maiara Bailão. - Londrina : [s.n.], 2019.
91 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profª Drª Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa
Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática, 2019.
Bibliografia: f. 87-90.

1. Matemática - Estudo e ensino. 2. Escolas rurais - Londrina (PR).
3. Educação rural. 4. Narrativa (Retórica). 5. História oral. I. Barbosa, Línlya Natássia Sachs Camerlengo de, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. III. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática. IV. Título.

CDD: 510.7

Ficha catalográfica elaborada por Cristina Benedeti Guilhem - CRB: 9/911



TERMO DE APROVAÇÃO

NARRATIVAS SOBRE O COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA: UMA HISTÓRIA AINDA NÃO CONTADA

por

THAÍS MAIARA BAILÃO

Dissertação de Mestrado apresentada no dia 16/02/2019, como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM ENSINO DE MATEMÁTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática, Câmpus Londrina e Cornélio Procópio, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A mestrandia foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Profa. Dra. Línlya Natássia Sachs Camerlengo De Barbosa (UTFPR)

Orientadora

Profa. Dra. Marcele Tavares (UTFPR)

Membro Titular

Prof. Dr. Diego Fogaça Carvalho (UNOPAR)

Membro Titular

Profa. Dra. Marcele Tavares

Coordenadora do Programa de
Mestrado Profissional em Ensino de Matemática
UTFPR Câmpus Londrina/ Cornélio Procópio.

**“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Programa de
Mestrado Profissional em Ensino de Matemática”**

Minha eterna gratidão

Durante todo meu percurso acadêmico, muitas pessoas estiveram presentes na minha vida, dando-me apoio e incentivando a prosseguir, mesmo que as barreiras fossem grandes demais para mim. Todos que estiveram ao meu lado são muito queridos!

Agradeço primeiramente a DEUS, que foi meu refúgio em todo e qualquer momento que precisei de segurança, conforto e refúgio. Em momentos que estive sozinha VOCÊ cuidou para que nenhum mal pudesse me derrubar, me carregando no colo. Sem ti não sou nada, SENHOR!

Agradeço com todo o meu ser aos meus pais Graça e José, aqueles que fizeram de tudo para que minhas conquistas fossem possíveis. Se hoje estou aqui é por vocês, por cada lágrima que derramaram diante de um sacrifício que me deu oportunidades, por cada noite em claro que passaram cuidando de mim e me acompanhando, por cada vez que estive doente e vocês cuidaram de mim com toda a dedicação que ninguém mais demonstraria em minha vida. Eu lembro de cada momento desses e todo amor que sinto por vocês não é suficiente para retribuir o amor que vocês me deram a vida toda!

Agradeço a você, meu amado e querido companheiro Jean, nunca pensei que seria abençoada com um amor tão maravilhoso, mas te conheci e, desde então, tenho sido feliz ao teu lado. Você nunca me deixou ou virou as costas para minhas lutas, me acompanhou e ajudou de todas as formas que poderia, se foi, quando achou que seria o melhor a fazer, e voltou correndo quando percebeu que era importante, sempre me colocando como prioridade em suas decisões e demonstrando seu amor. Te amo, meu querido!

Agradeço muito e muito a minha querida orientadora Línlya, minha parceira de pesquisa e mentora, aquela que me fez enxergar o mundo de uma forma diferente e mostrou que o conhecimento não vem apenas de um lado e que não há uma única forma de pensar. Agradeço por cada decisão que me ajudou a tomar durante a pesquisa, a autonomia que sempre me deu, criando confiança e responsabilidade, agradeço por ter me acolhido durante esses anos com tanto carinho e agradeço por ter me apoiado em todos os momentos tanto felizes quanto os difíceis, você foi uma das poucas pessoas que me acompanhou e me estendeu a mão. Não haveria o hoje sem você e não vejo outra pessoa que não seja você me mostrando o caminho a seguir de uma forma tão cuidadosa!

Nunca poderia deixar de agradecer a você, querida professora Marcelle! Como poderia esquecer a pessoa que me incentivou? Aquela que me fez ver a Matemática de uma maneira diferente? Aquela pessoa que me acolheu como uma verdadeira mãe – se me permite dizer – mesmo com as dificuldades que eu possuía? Você tem grande responsabilidade sobre a pessoa que estou me tornando hoje e eu só tenho a agradecer. Nunca poderei esquecer você!

Agradeço a você, professor Diego, por aceitar estar presente neste momento importante de minha vida, pelas orientações durante a qualificação e por me mostrar que minha pesquisa tinha potencial para alcançar e refletir a vida daqueles que vivenciam a realidade do campo, tornando este trabalho extremamente satisfatório e gratificante!

Agradeço a minha colega e parceira no grupo de estudos, Larissa. Você contribuiu para que eu pudesse chegar aqui, me ajudou quando precisei de suporte e estava sempre muito disposta a me estender a mão, mesmo quando eu queria apenas fazer uma pergunta boba para aliviar minha ansiedade sobre a pesquisa. Muito obrigada, minha amiga!

Faço, por fim, um agradecimento especial a Patrick Rocha, artista que contribuiu com a impecável arte de capa do produto educacional, trazendo, em cada traço, a perfeição e a fidelidade ao Colégio Estadual do Patrimônio Regina, para que o leitor pudesse conhecer a estrutura dessa bela instituição.

A educação tem raízes amargas, mas os seus frutos são doces.

Aristóteles

RESUMO

Nesta dissertação, temos como objetivo apresentar uma história a respeito do Colégio Estadual do Patrimônio Regina – localizado no Distrito de Espírito Santo, município de Londrina, Paraná –, em especial, seus projetos, conquistas e desenvolvimento, a partir de cinco entrevistas realizadas com fundamentação teórica e metodológica da História Oral. No local onde hoje está a escola, objeto desta pesquisa, já estiveram duas outras escolas: a Escola Municipal Barão do Cerro Azul, com fundação em 1948; e a Escola Municipal Egydio Terziotti, em 2004. No ano de 2010, o espaço foi cedido para a inauguração do Colégio Estadual do Patrimônio Regina, que passou a oferecer os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Na escola, há uma tentativa de valorização da identidade rural dos estudantes por meio de projetos, mas, também, uma preocupação em possibilitar que aqueles que desejam migrar para a zona urbana estejam preparados para isso. Como um resultado desta pesquisa, foi elaborado um produto educacional, que se apresenta como um livro que se propõe a dialogar com professores que vivenciam, em suas práticas, o sutil limite entre o rural e o urbano, além de apresentar uma história protagonizada por uma escola que tem obtido bons resultados em avaliações externas, em nível nacional e que carece de registros.

Palavras-chave: Educação Matemática; Educação do Campo; História Oral; Londrina; Colégio Estadual do Patrimônio Regina.

ABSTRACT

In this dissertation, we aim to present a story about the *Colégio Estadual do Patrimônio Regina* - located in District of Espírito Santo, Londrina, Paraná - in particular, its projects, achievements and development, based on five interviews carried out with reasons theoretical and methodological aspects of Oral History. In the place where the school is currently, there were already two other schools: the *Escola Municipal Barão do Cerro Azul*, founded in 1948; and the *Escola Municipal Egydio Terziotti*, in 2004. In 2010, the space was transferred to the inauguration of the *Colégio Estadual do Patrimônio Regina*, which started to offer the final years of elementary school and high school. At school, there is an attempt to value the students' rural identity through projects, but also a concern to enable those who wish to migrate to the urban area to be prepared for it. As a result of this research, an educational product was elaborated, which presents itself as a book that proposes to dialogue with teachers who experience, in their practices, the subtle boundary between rural and urban school, besides presenting a history with a school that has obtained good results in external evaluations at the national level and which lacks records.

Keywords: Mathematics Education; Rural Education; Oral History; Londrina; *Colégio Estadual do Patrimônio Regina*.

LISTA DE SIGLAS

CNBB – Conferência Nacional de Bispo do Brasil

CTPN – Companhia de Terras Norte do Paraná

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ENERA – Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária

GO – Goiás

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ONG – Organização Não Governamental

PA – Pará

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP – Projeto Político Pedagógico

PR – Paraná

RS – Rio Grande do Sul

SEED – Secretaria de Estado da Educação do Paraná

UFPA – Universidade Federal do Paraná

UnB – Universidade de Brasília

Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Unicef – Fundo das Nações Unidas para a Infância

Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 1.1. Primeiramente | 11 |
| 1.2 Quem é Thaís? | 11 |
| 1.3 O primeiro contato com a pesquisa..... | 13 |
| 1.4 O contexto da pesquisa..... | 14 |
| 2 MAS, AFINAL DE CONTAS, O QUE É EDUCAÇÃO DO CAMPO? | 17 |
| 2.1 E a Educação do Campo no Paraná? | 19 |
| 2.2 Vamos falar de Londrina! | 21 |
| 3 O QUE É HISTÓRIA ORAL? | 31 |
| 3.1 Os entrevistados..... | 34 |
| 3.2 O dia a dia na escola | 37 |
| 4 AS ENTREVISTAS | 44 |
| 4.1 João Kazuo Miyabara | 45 |
| 4.2 Lauriane dos Santos Lima..... | 47 |
| 4.3 Clarice Pereira da Silva Góes | 58 |
| 4.4 Carmem Perez Dias Carlos | 63 |
| 4.5 Alcides Antônio de Oliveira..... | 68 |
| 5 UMA HISTÓRIA SOBRE O COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA: PERSPECTIVAS DE UMA REALIDADE | 79 |
| REFERÊNCIAS..... | 85 |
| APÊNDICE..... | 89 |

1 INTRODUÇÃO

1.1. Primeiramente

Durante a leitura desta dissertação, você, prezado leitor, perceberá a sua escrita em primeira pessoa do singular. Isto ocorre pelo fato de sua narração dar-se pelo meu olhar, mediante minhas experiências, reflexões e aprendizados, vivenciados durante todo o processo de pesquisa e visitas junto ao Colégio Estadual do Patrimônio Regina, bem como ao Distrito de Espírito Santo. Trago a reflexão de Oliveira (2014, p. 4), que afirma:

A impessoalidade recomendada pelos teóricos na abordagem do texto acadêmico torna-o frio e genérico, apagando o princípio da autoridade de quem propõe uma solução para o problema investigado. A autoria imprime força à solução, na medida em que expressa a responsabilidade e o comprometimento do pesquisador com os resultados alcançados.

Ainda segundo o autor, a utilização da primeira pessoa torna o texto e a experiência mais real e autêntica, possibilitando ao leitor a experiência de imergir nos relatos presentes no texto, vivenciando indiretamente cada um dos parágrafos apresentados. Além do mais, tal pesquisa utiliza-se da fundamentação teórica e metodológica da História Oral, que valoriza o relato e a história de vida do narrador e de cada colaborador presente no desenvolvimento do trabalho.

Neste caso, peço licença à Academia para mostrar a você, prezado leitor, cada experiência vivida e relatada aqui, em primeira pessoa!

1.2 Quem é Thaís?

Durante a infância, imaginamos muitos aspectos de nosso futuro, por exemplo, como será a vida adulta e qual será nossa profissão, que quase sempre ocupa a maior parte das brincadeiras com amigos. Muitos de meus colegas, mesmo estando no sexto ano (naquela época, quinta série), já sabiam qual seria a profissão escolhida; eu, no entanto, sempre fui muito indecisa, às vezes desejava ser médica, outras vezes cantora, outras vezes policial, enfermeira, engenheira, enfim... eram muitas opções, mas nunca pensei em ser professora, afinal de contas, meus três irmãos eram professores e eu desejava seguir um caminho diferente.

Ao chegar no Ensino Médio, a dúvida acabou e eu, finalmente, sabia qual profissão desejava seguir, o que foi um grande alívio... já estava pensando que nunca iria

conseguir decidir! Meu desejo naquele momento era ser bióloga; agora só precisaria estudar bastante e passar no vestibular. No ano de 2007, em que prestei minha primeira prova de vestibular, minha nota foi excelente e poderia escolher finalmente o curso que tanto queria. Foi quando veio o primeiro obstáculo em minha vida: infelizmente, não haviam condições financeiras suficientes para estudar na capital e, nesse caso, eu deveria escolher uma das três opções de cursos presente na minha pequena cidade: Licenciatura em Pedagogia, Licenciatura em Letras ou Licenciatura em Matemática. Senti uma preocupação surgindo em minha mente: será que eu conseguiria escolher com sabedoria um desses três cursos e, quando escolhesse, será que ficaria contente com a escolha?

Foi uma decisão muito difícil, pois, como eu disse, não desejava ser professora, até que, finalmente, decidi pela Licenciatura em Matemática. Um novo desafio surgia naquele momento! Será que eu me adaptaria à profissão? Confesso que os dois primeiros semestres foram confusos, acabara de ingressar na Universidade Federal do Pará (UFPA), Câmpus de Abaetetuba, no ano de 2008 e não sabia muito bem o que estava fazendo ali.

O curso ofertado naquele ano – referente a turma de 2008 – funcionava na modalidade intervalar. Você, caro leitor, deve estar se perguntando que modalidade é essa? Para esclarecer melhor, explico: as aulas eram ministradas apenas nos períodos de férias, quando todas as outras turmas não estavam estudando. Durante os meses de janeiro e fevereiro e, em seguida, nos meses de julho e agosto, tínhamos nossas aulas semestrais. Cada disciplina era ministrada, em média, durante uma semana e meia. Então, imagine a dificuldade em aprender conteúdos de disciplinas como Cálculo Diferencial e Integral nesse curto período de tempo. Foi um grande desafio superado a cada semestre que se passava.

Em janeiro de 2009, tive a oportunidade de participar de uma pequena seleção para trabalhar como bolsista em uma Organização Não Governamental (ONG) de acolhimento a crianças carentes em minha cidade; em sua maioria, eram crianças das ilhas¹ e viajavam todas as manhãs para participar das atividades desenvolvidas na instituição, aulas para manicure, praticar esportes, crochê, entre outras. O projeto consistia em ensinar Matemática para crianças carentes, que, muitas vezes, estavam presentes no local apenas para não ficar nas ruas ou mesmo para ter alguma refeição durante o dia. Conseguir a atenção deles era extremamente difícil e eu pensava como faria

¹ O município de Abaetetuba, localizado no estado do Pará (microrregião de Cametá), é constituído por uma vasta rede hidrográfica, englobando 72 ilhas, formando a “Região das Ilhas”.

para conseguir desenvolver as tarefas planejadas durante o projeto com as crianças.

Foi quando eu percebi que, antes de serem alunos, eles eram seres humanos com histórias, dificuldades e vivências, que eu nem poderia imaginar e uma carga de conhecimento além do que estamos preparados para lhe dar em sala de aula. Naquele momento, encontrei minha primeira motivação para ser professora e, a partir daí meu interesse pela profissão foi apenas crescendo e crescendo.

Em novembro de 2009, participei do “1º Encontro de Etnomatemática do Pará: Educação Matemática e Cultura Amazônica no Baixo Tocantins”, realizado no Câmpus Universitário do Baixo Tocantins – Abaetetuba/PA. Assistindo à palestra “O campo da Etnomatemática e suas relações com o cotidiano escolar”, ministrada pela profa. Dra. Fernanda Wanderer, da Unisinos/RS, percebi que estava no lugar certo e senti uma alegria imensa, pois, provavelmente, não alcançaria as mesmas realizações pessoais e profissionais em outra graduação, sentia-me realizada onde eu estava.

Aos poucos, minhas escolhas – ou como muitos diriam, o “destino” – cuidaram para que eu chegasse até o Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Matemática, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Câmpus Londrina e Cornélio Procopio. Ingressei como aluna externa para cursar apenas a disciplina Ensino de Variação de Grandezas e Trigonometria com a querida professora Marcele Tavares e conhecer o programa. Acho que não preciso dizer que me apaixonei, fiquei tão envolvida a ponto de esquecer os planos B e C que havia feito caso essa tentativa falhasse. Participei do processo de seleção no final do ano de 2016, sendo aprovada e ingressando no início de 2017.

1.3 O primeiro contato com a pesquisa

Ao ingressar, no ano de 2017, no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Matemática, não sabia exatamente qual seria o foco da pesquisa que realizaria durante o Programa; tudo o que sabia era que seria orientanda pela professora Línlya Sachs e ela já desenvolvia pesquisas em educação do campo². Estava bastante ansiosa para saber qual seria nosso projeto, os passos que daríamos durante a pesquisa, a metodologia e, mais ainda, onde iríamos realizar nosso trabalho, uma vez que eu conheci sua primeira orientanda, Larissa Borges, e sabia que ela desenvolvia sua pesquisa no assentamento Eli

² Nesta dissertação, a expressão “educação do campo” será utilizada com letras minúsculas. Em citações ou em nomes próprios (de movimentos, eventos, encontros etc.), será grafada com as iniciais maiúsculas.

Vive, localizado no Distrito de Lerroville (Londrina/PR). Pouco antes do período letivo, minha orientadora entrou em contato comigo para nos encontramos e tomarmos um café, no intuito de nos conhecermos melhor, conversarmos, falarmos sobre nossos trajetos durante a vida acadêmica e objetivos junto ao mestrado. Nem preciso dizer como fiquei encantada com o nosso encontro. Línlya, sempre calma e atenciosa, apresentou-me ao contexto geral da pesquisa já em andamento, desenvolvida pelo grupo de pesquisa que coordena: Educação Matemática do Campo – Estudos e Pesquisas.

Ao tomar conhecimento do contexto geral ao qual pertenceria a pesquisa, lembrei imediatamente da palestra que assisti no Encontro de Etnomatemática do Pará e da universidade onde cursei minha graduação, pois ofertava o curso de Licenciatura em Educação do Campo em minha cidade – entretanto nunca tive a chance de conhecê-lo, uma vez que terminei minha graduação no mesmo período em que o curso recebeu sua primeira turma; sabia apenas que o curso era voltado para a população ribeirinha.

Os próximos meses que antecederam o início da pesquisa foram marcados por leituras e a necessidade de conhecer mais sobre educação do campo, do que se tratava, os objetivos, como surgiu, quem foram os responsáveis.... Minha imaginação me levava imediatamente às fazendas e às estradas de terras, às plantações, à criação de animais, mas será que era só isso? Provavelmente não. Eu precisava ler cada vez mais para poder entender melhor o assunto que tanto me atraía naquele momento e quebrar as barreiras do preconceito que, muitas vezes, nos acompanha durante toda a vida.

1.4 O contexto da pesquisa

Esta pesquisa está situada em um projeto maior, denominado “Educação matemática do campo: currículo e formação de professores”, desenvolvido na Universidade Tecnológica Federal do Paraná por um grupo constituído de professores e estudantes do Mestrado Profissional em Ensino de Matemática (multicâmpus Londrina e Cornélio Procópio) e do curso de Licenciatura em Matemática (Câmpus Cornélio Procópio). Tal projeto aborda histórias de vida de professores de escolas do campo, processos históricos de criação de escolas do campo, currículos de matemática na educação do campo e formação de professores que atuam ou atuarão em escolas do campo do município de Londrina, Paraná. Dentro desse contexto, surge, a partir do ano de 2016, o interesse por conhecer as escolas do campo do município.

Partindo desse projeto maior e considerando que um de nossos focos está nas histórias das escolas do campo, optamos, inicialmente, por mapear quais escolas estaduais do município oferecem os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio – locais de atuação de licenciados em Matemática. Tal busca se deu por meio do site da Secretaria de Estado de Educação do Paraná onde localizamos a lista de escolas estaduais da área rural do município de Londrina. Como resultado de nossa busca encontramos apenas duas: Colégio Estadual Maria Aparecida Rosignol Franciosi e Colégio Estadual do Patrimônio Regina.

A primeira delas, o Colégio Estadual Maria Aparecida Rosignol Franciosi, tem sido objeto de estudo de duas pesquisas de mestrado desenvolvidas no âmbito do projeto anteriormente mencionado, tratando-se de uma escola localizada em um assentamento rural em área de reforma agrária, o Assentamento Eli Vive, no Distrito de Lerroville, a 70km do município. A outra escola encontrada, trata-se do Colégio Estadual do Patrimônio Regina, localizado no Distrito de Espírito Santo³, com população urbana de 248 habitantes e rural de 2.638 habitantes, situado na Rodovia Mábio Gonçalves Palhano e oferta o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, atendendo a estudantes que residem em um raio de aproximadamente 15 km da instituição, em sua maioria filhos de agricultores e pecuaristas (COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA, 2016).

A princípio, assim que encontramos as duas escolas, buscamos informações a respeito do Colégio Estadual do Patrimônio Regina, com o intuito de conhecer mais sobre este, porém, encontramos poucas informações, quase que insuficientes levando-nos a refletir que a melhor opção seria conhecer a instituição e descobrir mais sobre ela pessoalmente. Uma das poucas informações que encontramos está no site do jornal Folha de Londrina, que apresenta a escola como uma das melhores do estado do Paraná, “com a 17ª colocação entre as 368 listadas no ranking geral dos colégios estaduais do Paraná” (COSTA, 2016), apesar de seu curto período de “vida”, pois, segundo a reportagem, a escola foi inaugurada em no ano de 2007⁴ atendendo a 262 alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, bem como turmas de Ensino Médio.

Segundo a professora de língua portuguesa, Alessandra Cortes, na entrevista à Folha de Londrina, suas turmas pequenas possibilitam o melhor acompanhamento dos

² Distrito constituído pela junção do Patrimônio do Regina com o Patrimônio do Espírito Santo.

⁴ Importante destacar que a data de inauguração foi 2010 – e não 2007, como indica a reportagem.

alunos e o auxílio adequado em suas dificuldades, contribuindo para o crescimento e superação das dificuldades enfrentadas no processo de ensino-aprendizagem (COSTA, 2016).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico do colégio, os conteúdos são trabalhados de forma interdisciplinar buscando sempre reconhecer e valorizar a identidade do campo por meio de projetos desenvolvidos com os alunos envolvendo não apenas os professores, mas também os pais e a comunidade em geral. Trabalhando a conscientização ambiental, refletindo o valor da vida no campo, o trabalho dos pais, toda tradição adquirida com o passar do tempo, a relação com a história, com o café e com os traços religiosos, que são fortes entre as famílias (COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA, 2016).

Todas essas características do Colégio Estadual do Patrimônio Regina chamaram minha atenção e gerou a vontade conhecer a instituição, afinal ela se difere, em diversos aspectos, do que eu conhecia de escolas do campo. Após conhecê-la – e isso fica mais claro ao longo do texto –, percebi que há ali, realmente, diferenças importantes de outras escolas do campo, como: boa infraestrutura, fácil acesso, não rotatividade de professores, destaque em avaliações externas e presença forte de projetos externos (em parceria com universidades ou ONG).

O objetivo desta pesquisa se configura, então, em conhecer e apresentar narrativas referentes à história do Colégio Estadual do Patrimônio Regina, a partir da perspectiva de cinco colaboradores selecionados, para, então, construir um texto com caráter histórico e formal⁵, além da construção de um produto educacional, com o intuito de dialogar com os professores que vivenciam em suas práticas, o sutil limite entre o rural e o urbano. Para isso, baseio-me teoricamente e metodologicamente na História Oral.

⁵ O quinto capítulo desta dissertação diferencia-se dos demais pela sua linguagem mais formal, característica de textos históricos construídos a partir de narrativas.

2 MAS, AFINAL DE CONTAS, O QUE É EDUCAÇÃO DO CAMPO?

Minha orientadora, sempre muito atenciosa, indicou uma coleção de livros, chamada “Por Uma Educação Básica do Campo”⁶, para leitura e iniciar meu entendimento sobre educação do campo. Os textos, em geral, trazem memórias de encontros – como da Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo –, textos teóricos de diversos autores – como Roseli Salette Caldart, Miguel Gonzalez Arroyo e Bernardo Mançano Fernandes –, legislação a respeito da educação do campo e reivindicações e necessidades relativas à educação do campo.

Após a leitura de alguns textos da coleção e uma profunda autorreflexão, o maior desafio que enfrentei foi quebrar o paradigma existente em mim do campo como um local ideal apenas para passar os finais de semana, relaxar e estar na presença da natureza. Poucas vezes imaginei a possibilidade de viver na zona rural, justamente pelos estereótipos criados: da ausência tecnológica, educação de péssima qualidade, baixa qualidade de vida, isolamento social e a ideia de que o morador do campo é atrasado. Muitas dessas características, relacionadas à vida no campo, são reflexo de um preconceito histórico, herdado do Brasil Colonial, vinculado ao trabalho rural exercido por escravos.

Outra faceta de muitas localidades rurais – que conheci apenas após o início de minha pesquisa - é de lutas travadas por movimentos sociais camponeses, principalmente pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na busca por uma sociedade mais igualitária e com menos injustiças sociais, batalhando

por algo que ainda não teve lugar, em seu estado pleno, porque perfeito no nível de suas aspirações. Propõem mudanças na ordem vigente, tornando visível, por meio das reivindicações do cotidiano, a crítica ao instituído e o horizonte da educação escolar inclusiva (BRASIL, 2013, p. 267).

Essa resistência social trata-se não apenas da luta pela reforma agrária, como, também, da luta pela garantia do direito à educação e ao conhecimento, pela manutenção de seus territórios, da identidade cultural e do trabalho, confrontando diretamente com as propostas do agronegócio – mais associado à chamada “Educação Rural”, que

³ Essa coleção é constituída por sete volumes. Nos três primeiros, a coleção era denominada “Por Uma Educação Básica do Campo”; já, a partir do quarto, passou a ser “Por Uma Educação do Campo”. Como afirma Nery (2002, p. 7), no quarto volume, “estamos mudando para deixar mais claro em nosso nome que a educação que queremos vai além do final do Ensino Médio e também dos limites da escola formal. A luta, portanto, continua e cada vez mais intensa alargando horizontes e obtendo conquistas bem substanciais”.

desconsidera os saberes produzidos pelos habitantes do campo e mantém um quadro educacional insatisfatório para a população.

As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (BRASIL, 2013, p. 267), nesse sentido, garantem que:

A Educação do Campo, tratada como educação rural na legislação brasileira tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao escolher em si os espaços pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas. O campo neste sentido é mais que um perímetro não-urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres com a própria produção das condições de existência social e com as realizações da sociedade humana.

Em 1997, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e com o estabelecimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9394/96, tornou-se possível a integração entre áreas de conhecimento e o enfrentamento às problemáticas sociais, reafirmando “a necessidade de sua problematização e análise, incorporando-as como temas transversais” (BRASIL, 1997, p. 41), trazendo, também, consigo seu espaço nas políticas educacionais.

Por muito tempo, a educação pensada para a zona urbana foi reproduzida no campo, subordinando a população a conhecimentos e construções sociais específicos da população urbana, desconsiderando a capacidade dos camponeses de produção de conhecimento. O campo, desse modo, era visto como fornecedor de matéria-prima para os centros urbanos e sem os devidos direitos que deveriam ser garantidos pelo poder público, como o acesso à educação e à saúde. Ainda hoje, essa situação ocorre, apesar de diversos avanços obtidos nos últimos 20 anos (PEREIRA; PEREIRA, 2016).

A educação do campo surge com a proposta de valorização do campo e de suas diversas formas de organização, considerando os saberes existentes em cada localidade, organização social, cultural, da agricultura de subsistência, enfim, toda a aproximação da vida no campo, expressando a necessidade e interesse no desenvolvimento dos sujeitos que vivem e trabalham no campo, também, ela possibilitando quebrar o ideal de que apenas a vida nas cidades pode oferecer acesso a serviços públicos.

Com o surgimento da proposta de educação do campo, em julho de 1997, durante a realização do Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (ENERA), no Câmpus da Universidade de Brasília (UnB), coordenado pelo MST, pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e pela Conferência Nacional de Bispo do Brasil (CNBB), novos paradigmas educacionais ganharam espaço, colocando em pauta

ideias e ações capazes de atribuir novo sentido à escola do campo (FERNANDES; MOLINA, 2004, p. 64).

A educação do campo busca, além de outras metas, garantir o cumprimento do artigo 28 da LDB:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida e de cada região, especialmente:

I – Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II – Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III – Adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996).

Podemos observar, hoje, diversas mudanças no processo educacional presente em escolas do campo, considerando a realidade das famílias rurais, com mudanças em projetos escolares, planos de aula e, até, com o desenvolvimento de projetos nessas instituições.

Além do mais, as tecnologias já se encontram presentes no campo, permitindo a socialização com moradores da cidade, além de melhorar a qualidade de vida na zona rural. Vale ressaltar que a utilização de recursos tecnológicos não tem como objetivo apenas o acesso à cultura da zona urbana, mas, mais importante, para que os moradores do campo sejam também produtores culturais e para que possam compartilhar seus conhecimentos com outras comunidades rurais.

Por intermédio da escola, é possível trabalhar a construção do conhecimento de forma voltada à realidade dos alunos, envolvendo a agricultura familiar e a sociedade camponesa, na qual o aluno está envolvido, auxiliando na construção crítica dos mesmos e possibilitando a visão de que não há obrigatoriedade de acolhimento da cultura urbanocêntrica, mas que o sujeito do campo também possui sua própria cultura e que a mesma é tão relevante e significativa quanto a urbana.

2.1 E a Educação do Campo no Paraná?

Ao chegar no estado do Paraná, aprendi a reconhecer algumas diferenças entre o estado do Pará (minha terra natal) e minha nova moradia. Reconhecia sotaques, palavras diferentes, como “ponhá”, além de ensinar para meus colegas o significado da expressão “paidégua”, específica da minha região. A experiência é incrível e indescritível, toda troca de conhecimento cultural e aprendizado sobre a própria região caracterizou um crescimento pessoal e superação de preconceitos, tanto para mim quanto para aqueles que

me cercaram no dia a dia. Entretanto, era necessário muito mais do que uma interação rotineira para dar-me suporte e base no desenvolvimento desta dissertação, pois havia muito a aprender sobre o estado, principalmente no que se refere à educação do campo.

O estado do Paraná conta com 399 municípios e uma densidade demográfica de 306.52 habitantes/km², num território de 199.307,922 km², sendo a agricultura (setor primário) sua principal atividade econômica, compreendendo o cultivo de cana-de-açúcar, soja, milho, trigo e café, juntamente com a indústria (setor secundário) (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2012).

Em um estado que uma parcela considerável da população (14,67%) reside em zona rural, desenvolvendo, em sua maioria, atividades relacionadas ao setor agrícola (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2012), imagina-se importantes investimentos em escolas do campo.

Após a realização do primeiro Encontro de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA), em 1997, foi realizada a I Conferência Nacional: por uma Educação Básica do Campo, em julho de 1998 em Luziânia/GO, cujo principal tópico discutido foi a garantia de uma educação básica de qualidade para aqueles que vivem no campo. Após a conferência, seguiu-se em novembro de 2000, no município de Porto Barreiro, Paraná, a reunião de diversas instituições (sindicatos, movimentos sociais, representantes municipais, universidades e profissionais da educação), onde foi redigida “A Carta de Porto Barreiro”, como um manifesto pela educação do campo no Paraná, enfatizando a necessidade de investimento na formação do educador, oferecendo capacitação, orientação e informação com intuito de auxiliá-lo no trabalho em escolas do campo (CARTA, 2000).

Com essas mobilizações, no ano de 2006, houve a aprovação das Diretrizes Curriculares da Educação do Campo, no estado do Paraná. Elas foram elaboradas com o intuito de “motivar os professores na observação e apropriação da riqueza que o campo brasileiro oferece à ampliação dos conhecimentos escolares” (PARANÁ, 2006, p. 9).

Já em 2010, com a Resolução nº 4783, foi instituída:

[...] a Educação do Campo como Política Pública Educacional como vistas à garantia e a qualificação do atendimento escolar aos diferentes sujeitos do campo, nos diferentes níveis e modalidades de ensino da Educação Básica (PARANÁ, 2010).

Após os anos que seguiram a criação da Articulação Paranaense Por uma Educação do Campo – criada no ano 2000 por órgãos de representação social, movimentos que lutam pela educação do campo, bem como movimentos sociais atrelados ao campo –, muitas conquistas foram alcançadas, como, por exemplo, o reconhecimento

dos sujeitos que trabalham e vivem no campo, juntamente com suas diversidades, a implementação de formação continuada para profissionais da educação junto à Secretaria de Estado de Educação do Paraná, movimentos sociais e universidades, além da criação de escolas localizadas nas regiões quilombolas, indígenas, assentamentos e itinerantes (BORGES; SACHS, 2017).

2.2 Vamos falar de Londrina!

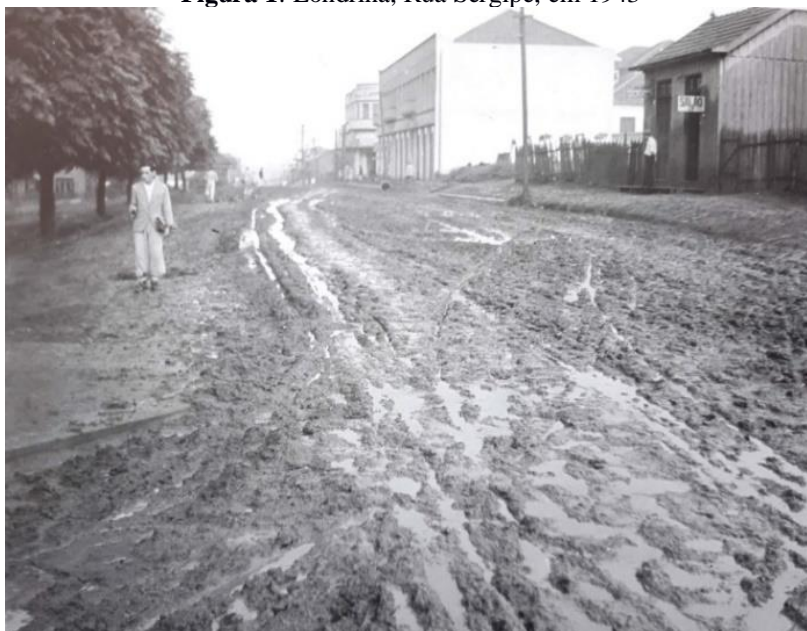
Conhecer a cidade de Londrina, com seus 506.701 habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2012), foi uma experiência totalmente nova, uma vez que sempre morei em cidades pequenas e nunca precisei de transporte público para realizar meus trajetos, mesmos os mais longos. Descobrir que precisaria de dois ônibus e cerca de duas horas para sair de casa e chegar até a universidade ou mesmo ao trabalho foi um choque. No entanto, cada dificuldade e desafio enfrentado deu-me uma nova perspectiva de vida para encarar minha atual realidade e o novo ambiente.

Após estar devidamente instalada na cidade, uma das primeiras atividades programadas foi a visita ao Museu Histórico de Londrina, e que visita maravilhosa! Conhecer a história do município foi excepcional, saber que ele surgiu em 1929, em meio a um projeto de colonização inglesa da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTPN) detentora de terras adquiridas do governo estadual, que planejou a comercialização de lotes no meio rural variando entre 5 a 15 alqueires ao redor da zona urbana. O tamanho das propriedades variava de acordo com o poder aquisitivo dos compradores, a CTPN chegou a vender propriedades de até 500 alqueires em áreas mais afastadas. Tal oportunidade atraía pessoas de várias regiões incluindo estrangeiros com a promessa de prosperidade, estimulando cada vez mais o setor agrícola, que contribuiu para o crescimento regional, a expansão demográfica em núcleos urbanos, como também o surgimento de classes médias rurais.

A fundação da cidade deu-se oficialmente em 3 de dezembro de 1934, por meio do Decreto Estadual nº 2519, e sua instalação ocorreu em 10 de dezembro do mesmo ano (SILVA et al., 2016, p. 30).

A Figura 1 remete à Rua Sergipe, no ano de 1943, que desempenhou o papel de porta de entrada e de saída da cidade por alguns anos, sem asfalto e com terra vermelha formando atoleiros (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 2015).

Figura 1: Londrina, Rua Sergipe, em 1943



Fonte: Universidade Estadual de Londrina (2015, p. 34).

Durante os anos 1950, Londrina passou por um intenso processo de expansão urbana, abandonando sua aparência e formato simplista e ganhando porte de cidade grande. Como mostra a Figura 2, o processo de crescimento da cidade pode ser representado pela construção da estação rodoviária, devido à produção cafeeira em seu auge no norte do Paraná. Nessa época, havia trabalhadores provenientes de todo o país, em particular de comunidades afro-brasileiras, que contribuíram significativamente com o desenvolvimento do município (SILVA et. al., 2016).

Figura 2: Londrina, Estação Rodoviária, década de 1950



Fonte: Universidade Estadual de Londrina (2015, p. 33).

Nessa década, a população de Londrina era de até 20.000 habitantes numa área de 4 km², no entanto, passou por uma expansão de 2,07 vezes a prospectiva inicial. Tal crescimento trouxe consigo a construção de escolas, hospitais, postos de saúde e prédios, modificando as condições de vida da população e contribuindo com a transformação de sua paisagem urbana (CASARIL, 2009).

O cultivo do café, que impulsionou o desenvolvimento regional, demandava uma intensa jornada de trabalho, tanto em derrubadas de matas, quanto em lavouras para cultivo, em sua terra roxa e fértil, precisando contar com o trabalho árduo da mão de obra afro-brasileira, contribuindo significativamente no processo de crescimento da região, além do desenvolvimento econômico. Houve, também, na época, uma forte política de imigração europeia embasada na falsa ideologia de superioridade branca⁷, que disseminada contribuiu não apenas com a marginalização dos negros nas regiões sudeste e sul, como também propiciou a distribuição dos mesmos em regiões com menores índices de desenvolvimento econômico e social (SILVA et al., 2016, p. 24).

Essa desigual distribuição acarretou na migração interna, em que famílias instaladas em locais de poucas oportunidades viam-se obrigadas a mover-se de uma região para outra. Dentro desse contexto, Londrina surgiu como uma terra de oportunidades e desenvolvimento, acolhendo diversas famílias brasileiras que vieram trabalhar nas lavouras de café (CAPELO, 2000).

No final da década de 1960, a monocultura cafeeira apresentava-se em declínio com o processo de agro industrialização, pequenos proprietários de terras e grandes fazendeiros já estavam estabelecidos devido às fartas colheitas de café. Nessa época, os imigrantes e proprietários de pequenos lotes de terras organizaram-se em torno de escolas ou mesmo igrejas, constituindo pequenos povoados ou mesmo cidades.

As escolas eram construídas em localidades com demanda de alunos para atendimento dentro de propriedades particulares e aos poucos o poder público foi absorvendo essas pequenas instituições, aglutinando-as em localidades específicas, onde juntamente com a presença de igrejas e pequenos comércios começaram a surgir os patrimônios e distritos rurais ao redor de Londrina (CASARIL, 2009).

A partir da década de 1970, a região londrinense já contava com 230.000 habitantes e uma intensa produtividade agrícola voltada para o mercado externo,

⁴ Ideologia de branqueamento: disseminada entre o final do século XIX até meados do século XX, pela elite intelectual e política brasileira, baseada em teorias raciais europeias e norte-americanas.

contribuindo para o desenvolvimento de grandes centros industriais. Década após década, Londrina ganhou espaço, consolidando-se como referência na região norte do Paraná, como mostra a Figura 3, uma cidade bem desenvolvida para a época e em relação aos anos anteriores.

Figura 3: Londrina, Rua Sergipe, comemoração da Independência, em 1977



Fonte: Universidade Estadual de Londrina (2015, p. 16).

Junto ao crescimento de Londrina, surgiram também os patrimônios e distritos, cada um com suas histórias e contribuições à construção da cidade, sendo impossível dissociá-las. Como afirma CAPELO, (2000, p. 12):

Atualmente, Londrina está dividida em oito distritos administrativos: Warta, Espírito Santo, São Luiz, Ierê, Maravilha, Paiquerê, Guaravera e Lerroville, nos quais estão situados os patrimônios rurais: Heimtal, Regina, Selva, Taquaruna, Guairacá, Barro Preto, entre outros.

Os patrimônios são pequenos povoados com poucos recursos e infraestrutura, vinculados aos distritos, que, por sua vez, constituem unidades político-administrativas, contando com subprefeituras, formados por intermédio de plebiscito.

Dados de 2010 mostram que, em Londrina, 2,6% da população residia no campo, como mostram os dados da Figura 4, em que podemos observar também a redução da população na zona rural ao longo dos anos.

Figura 4: Imagem da tabela de distribuição da população no município de Londrina

| ANO | POPULAÇÃO RESIDENTE | | | | | | TAXA DE CRESCIMENTO GEOMÉTRICO ⁽¹⁾ |
|------|------------------------|-------|-----------------------|-------|------------------------|--------|---|
| | Urbana | | Rural | | Total | | |
| | Número | % | Número | % | Número | % | |
| 1940 | 1 175 | 36,90 | 19 103 | 63,09 | 30 278 | 100,00 | - |
| 1950 | 34 230 | 47,93 | 37 182 | 52,07 | 71 412 | 100,00 | - |
| 1960 | 77 382 | 57,40 | 57 439 | 42,60 | 134 821 | 100,00 | 6,60 |
| 1970 | 163 528 | 71,69 | 64 573 | 28,31 | 228 101 | 100,00 | 5,40 |
| 1980 | 266 940 | 88,48 | 34 771 | 11,52 | 301 711 | 100,00 | 2,84 |
| 1991 | 366 676 | 94,00 | 23 424 | 6,00 | 390 100 | 100,00 | 2,36 |
| 1996 | ⁽²⁾ 396 121 | 96,19 | ⁽²⁾ 15 679 | 3,81 | ⁽²⁾ 411 800 | 100,00 | - |
| 2000 | 433 369 | 96,94 | 13 696 | 3,06 | 447 065 | 100,00 | 1,78 |
| 2010 | 493 520 | 97,40 | 13 181 | 2,60 | 506 701 | 100,00 | 1,26 |

Fonte: Londrina (2017, p. 64)

A partir dessas informações, realizamos buscas em diversas fontes para encontrar e conhecer as escolas estaduais do campo, no município de Londrina, que serão descritas na seção seguinte.

2.3 O encontro com a pesquisa

Conhecendo um pouco da história do município e sua constituição, chegava o momento de conhecer as escolas pertencentes à área rural da cidade. Limitei minha busca apenas para as escolas estaduais, por oferecem os anos finais do Ensino Fundamental e, possivelmente, o Ensino Médio – séries em que atuam professores licenciados em Matemática, como eu. Assim, utilizei o sistema de buscas do site da Secretaria de Estado de Educação do Paraná, na opção “Consulta Escolas”⁸. Desse modo, encontramos apenas duas escolas estaduais em Londrina, localizadas na zona rural, como consta na Figura 5: Colégio Estadual Maria Aparecida Rosignol Franciosi e Colégio Estadual do Patrimônio Regina.

Figura 5: Escolas estaduais localizadas na zona rural de Londrina

The figure consists of two side-by-side screenshots of the 'CONSULTA ESCOLAS' website. Both screenshots show the header with the logo of the 'SECRETARIA DA EDUCAÇÃO' and the title 'CONSULTA ESCOLAS'. The left screenshot displays the page for 'Escola Maria Ap Rosignol Franciosi, C E-EF M'. It includes a navigation menu with 'ALUNOS', 'EDUCADORES', 'GESTÃO ESCOLAR', and 'COMUNIDADE'. The main content area shows the school's name, 'Escola Maria Ap Rosignol Franciosi, C E-EF M', and its location: 'Assent. Eli Vive, Dist. Lerroville, 86.123-000 - Londrina - PR'. The right screenshot displays the page for 'Escola Patrimônio Regina, C E Do-EF M'. It shows the school's name, 'Escola Patrimônio Regina, C E Do-EF M', and its location: 'Rua Manoel Gonçalves Pahlmann Cx P-5330, 377, Pat. Regina, 86.855-991 - Londrina - PR'. Both screenshots also feature a 'Demanda e Suprimentos' section and a 'Mensagem' section.

Fonte: Paraná (2018).

A primeira delas, o Colégio Estadual Maria Aparecida Rosignol Franciosi, localiza-se em um assentamento rural em área de reforma agrária, o Assentamento Eli Vive, no Distrito de Lerroville. A segunda escola, o Colégio Estadual do Patrimônio Regina, está localizada no Distrito de Espírito Santo e atende a comunidade num raio de 15 km, ofertando os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

O fato de ter apenas duas escolas estaduais do campo no município foi algo que nos chamou a atenção – enquanto, em contraposição, há 71 escolas estaduais em áreas urbanas⁹. Apesar de relativamente ser pequena a população rural em Londrina (2,6%), em números absolutos há uma quantidade importante (13181), como mostra a Figura 4. Não temos informações referentes à quantidade de estudantes que se deslocam da zona rural para a zona urbana para frequentar a escola a partir dos anos finais do Ensino Fundamental. Porém, para se fazer um comparativo, há 13 escolas municipais em áreas rurais – algumas delas consideradas “do campo” pela Secretaria Municipal de Educação de Londrina – e 74 em áreas urbanas. Esse conjunto de informações parece indicar uma ausência de escolas estaduais em áreas rurais do município¹⁰.

Após essa pesquisa no site da Secretaria de Estado de Educação do Paraná, minha orientadora e eu fomos conhecer o Colégio Estadual do Patrimônio Regina. Como uma

⁶ Algumas dessas escolas serem consideradas urbanas (pela Secretaria de Estado de Educação do Paraná), algumas delas ficam nos distritos do município de Londrina – que têm considerável população rural e características que poderiam torná-las “do campo”.

⁷ Para um resultado mais preciso, é necessário realizar uma pesquisa no que se refere à denominação dada às escolas (“rural” ou “urbana”), pela Secretaria de Estado de Educação do Paraná.

primeira tentativa de contato, acessamos a página do Facebook da escola¹¹ e, por lá, enviamos uma mensagem. De cara, fiquei intrigada com as imagens presentes na página – não havia informações referentes a história da escola ou mesmo sobre seus projetos, entretanto havia muitos registros de vários eventos promovidos pela escola, atividades com alunos e comunidade, o que serviu para intensificar minha curiosidade, pois sempre tive a ideia de uma escola do campo sem recursos tecnológicos e sem páginas em redes sociais, mas neste caso eu estava completamente enganada!

Sem resposta imediata à mensagem enviada, decidi entrar em contato com o número de telefone disponível na página, fui muito bem atendida pela diretora da escola, que se colocou à disposição para nos receber a qualquer momento. Com esse retorno, agendamos uma visita com intuito de conhecer a escola e apresentar a pesquisa que pensamos em desenvolver.

No dia 25 de setembro de 2017, depois de tomar dois ônibus de casa até um terminal de Londrina, o terminal do Shopping Catuaí, encontrei com minha orientadora para irmos de carro ao Distrito. Foi um trajeto tranquilo e sem grandes obstáculos, o GPS nos guiou muito bem. Ao chegar na escola, observamos já do lado de fora a estrutura da instituição, como aparece na Figura 6, e logo pensei: “Nossa... é totalmente diferente do que imaginei para uma escola do campo! ”. Muitas escolas do campo ainda hoje sofrem com estruturas precárias e poucos recursos para manter-se de pé, o Colégio Estadual do Patrimônio Regina mostrou fugir desta realidade e destacar-se de uma forma que nem mesmo minha orientadora Línlya havia conhecido até o momento e foi este fato que nos levou a decisão de conhecer e contar a história desta instituição, pois a mesma mostra-se como um exemplo de superação em meio a tantas lutas travadas pelas escolas do campo.

⁸ <https://www.facebook.com/COL%C3%89GIO-ESTADUAL-DO-PATRIM%C3%94NIO-REGINA-356912784437036/>.

Figura 6: Entrada do Colégio Estadual do Patrimônio Regina



Fonte Colégio Estadual do Patrimônio Regina (2017b)

Fomos recebidas pela direção da escola, que nos apresentou algumas informações referentes à instituição: estrutura física, dados referentes as avaliações externas, projetos em desenvolvimento, um pouco do histórico do Patrimônio Regina, da escola e o público atendido (alunos residentes na região e redondezas). A diretora muito atenciosa disponibilizou o Projeto Político Pedagógico (PPP) para conhecermos as propostas do colégio.

O Projeto Político Pedagógico, do ano de 2016, traz breves informações sobre o histórico da instituição, que está hoje onde, antigamente, funcionava a Escola Municipal Egydio Terziotti. Em 1948, tornou-se Escola Municipal Barão do Cerro Azul, atendendo turmas de primeira à quarta séries do Ensino Fundamental e, mais tarde, tornou-se o Colégio Estadual do Patrimônio Regina (COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA, 2016).

Atualmente, a escola atende os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, nos períodos matutino e vespertino, com um total de 262 alunos no ano de 2016 (COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA, 2016, p. 3).

O índice de evasão e reprovação do colégio são apresentados em tabelas, presentes nas Figuras 7 e 8, em que se evidencia o decréscimo da evasão de 2014 para 2015.

Figura 7: Imagem da tabela de taxa de evasão e reprovação, 2014

Rendimento Escolar – Ano 2014

| Ensino/Série | Taxa de Aprovação | | Taxa de Reprovação | Taxa de Abandono |
|-----------------------------|--------------------|----------------------------------|--------------------|------------------|
| | Total de Aprovados | Aprovados por Conselho de Classe | | |
| ENSINO FUNDAMENTAL | | | | |
| 6º Ano | 100,00% | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 7º Ano | 90,91% | 30,00% | 0,00% | 9,09% |
| 8º Ano | 94,12% | 21,88% | 5,88% | 0,00% |
| 9º Ano | 87,72% | 16,00% | 12,28% | 0,00% |
| Total do Ens. Fundamental | 92,13% | 15,38% | 7,09% | 0,79% |
| ENSINO MÉDIO REGULAR | | | | |
| 1ª Série | 89,29% | 24,00% | 10,71% | 0,00% |
| 2ª Série | 90,32% | 7,14% | 9,68% | 0,00% |
| 3ª Série | 95,83% | 0,00% | 0,00% | 4,17% |
| Total do Ensino | 91,57% | 10,53% | 7,23% | 1,20% |

Fonte: Colégio Estadual do Patrimônio Regina (2016, p. 4)

Figura 8: Imagem da tabela de taxa de evasão e reprovação, 2015

Rendimento Escolar – Dados Preliminares – Ano 2015

| Ensino/Série | Taxa de Aprovação | | Taxa de Reprovação | Taxa de Abandono |
|-----------------------------|--------------------|----------------------------------|--------------------|------------------|
| | Total de Aprovados | Aprovados por Conselho de Classe | | |
| ENSINO FUNDAMENTAL | | | | |
| 6º Ano | 97,83% | 0,00% | 2,17% | 0,00% |
| 7º Ano | 96,15% | 8,00% | 3,85% | 0,00% |
| 8º Ano | 100,00% | 18,18% | 0,00% | 0,00% |
| 9º Ano | 81,58% | 19,35% | 18,42% | 0,00% |
| Total do Ensino | 92,56% | 8,93% | 7,44% | 0,00% |
| ENSINO MÉDIO REGULAR | | | | |
| 1ª Série | 82,69% | 16,28% | 17,31% | 0,00% |
| 2ª Série | 75,86% | 22,73% | 24,14% | 0,00% |
| 3ª Série | 93,10% | 0,00% | 6,90% | 0,00% |
| Total do Ensino | 83,64% | 13,04% | 16,36% | 0,00% |

Fonte: Colégio Estadual do Patrimônio Regina (2016, p. 4)

Em relação aos índices de reprovação, os professores alegam que:

[...] as maiores dificuldades se situam em torno dos conteúdos prévios necessários a continuidade dos estudos, o que implica na necessidade da retomada contínua dos conteúdos e na busca de intervenções pedagógicas eficazes, que superem as dificuldades encontradas e possibilitem o avanço em relação aos conteúdos pertinentes a série (COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA, 2016, p. 5).

Também, durante a visita, alguns nomes foram indicados para entrevistas para que pudéssemos construir narrativas a respeito da história da escola. Diante dessas

informações e após a primeira visita, definimos o Colégio Estadual do Patrimônio Regina como objeto da pesquisa, sua história, desenvolvimento, crescimento junto com o Distrito de Espírito Santo, bem como a história de vida daqueles que fizeram parte e estiveram presentes durante grande parte desse processo. Ademais, o fato de não haver registros sobre essa história – além do curtíssimo relato presente no PPP – foi importante nessa decisão.

Optamos, por fim, por realizar a pesquisa a partir de entrevistas realizadas com fundamentação teórica e metodológica da História Oral, que será descrita na próxima seção.

3 O QUE É HISTÓRIA ORAL?

A significância da oralidade vai muito além da arte de dominar a retórica, as histórias de diversas civilizações são conhecidas e estudadas, muitas culturas ainda prevalecem, uma vez que seus legados não se perderam com o passar dos séculos. Contudo, a história lembrou-se por muito tempo apenas dos grandes nomes, com grandes feitos, os chamados protagonistas; então, onde estão os ditos coadjuvantes? Seriam eles coadjuvantes mesmo ou seriam protagonistas de outras histórias? Existe contribuição por parte desses personagens? Onde estão seus depoimentos e suas versões dos acontecimentos históricos? Entendemos que conhecer a história de uma determinada comunidade e instituição caracteriza-se não apenas como um ato de busca pelo conhecimento, mas, também, como uma atitude de respeito e de valorização.

Nesse contexto, a História Oral surge como uma ferramenta para responder a esses questionamentos, uma vez que tal metodologia “se consagrou por ser não somente a história dos grandes homens, dos heróis, dos líderes, dos grandes políticos – mas, principalmente, por ser a história das pessoas comuns” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 25).

Podemos defini-la como um método de pesquisa que, por meio de entrevistas, permite o registro de histórias, relatos e memórias, gravadas ou filmadas com pessoas capazes de testemunhar sobre os mais diversos acontecimentos históricos, levando em consideração sua contribuição. O marco de seu surgimento se deu em 1948, com a necessidade de preenchimento das lacunas documentais, bem como para a elaboração de documentos que serviriam como base para futuros historiadores.

A sua primeira aplicabilidade deu-se na formação do Escritório de Pesquisa em História Oral da Universidade de Columbia, na cidade de Nova York, onde o jornalista e historiador Allan Nevins – com o recurso da fita magnética¹² – conseguiu realizar registros de depoimentos de políticos da cidade. Após essa empreitada por meio da História Oral, surgiram outros trabalhos sucedendo Nevins, com registros de imagens e de relatos para o futuro (CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL, 2017).

A História Oral, segundo Santhiago e Magalhães (2015, p. 7),

⁹ Mídia de armazenamento em fita plástica, utilizada para registro de informações analógicas ou digitais, como áudio, vídeo ou dados de computador.

[...] permite, através da fala e da escuta, do registro de histórias narradas, entrar em contato com a memória do passado e a cultura do presente. Por meio de relatos de quem testemunhou e viveu experiências que merecem ser contadas, a história oral reforça laços entre pessoas, gerações, comunidades e tempos.

Traz para o “palco” personagens até então excluídos da história oficial: mulheres, negros, pobres, homossexuais, pessoas sem escolaridade, sem cargos importantes, anônimos. São pessoas que sempre estiveram presentes em fatos históricos, mas que não faziam parte de suas histórias.

Esta pesquisa baseia-se nos estudos desenvolvidos pelo Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM), instituído no ano de 2002 e liderado pelo pesquisador Antônio Vicente Marafioti Garnica, que utiliza a História Oral como uma estratégia para conduzir as pesquisas, de modo a compreender os diversos temas, que, em Educação Matemática, tomava-se como objetos de pesquisa (GARNICA, 2015).

As pesquisas realizadas no GHOEM¹³ abordam diversas temáticas, sendo em um número considerável a história de instituições escolares e de formação de professores. Inspiradas nesses trabalhos que minha orientadora e eu decidimos investigar sobre a história de uma escola: o Colégio Estadual do Patrimônio Regina.

Ainda segundo Garnica (2015), o grupo não entende a História Oral apenas como um simples conjunto de métodos ou procedimentos. Como ele diz, “nunca se buscou apenas *como* fazer, mas *por que* fazer de determinado modo” (GARNICA, 2015, p. 38, grifos do autor). Assim, busca-se a compreensão de cada procedimento e o motivo pelo qual é aplicado, refletindo sobre o fato de uma metodologia não ser estática e, sim, um conjunto de possibilidades à disposição do pesquisador – que pode avaliá-la com seu próprio olhar e até mesmo desenvolvendo-a de forma diferente do padrão aplicado, gerando novos resultados e construções.

Sempre em diálogo com autores das mais diversas áreas, fixamos certos princípios para entender (e efetivar) as entrevistas, os modos de tratamento às fontes orais que criamos, a transformação dessas fontes orais em registros escritos, os modos de analisar (ou não) os registros criados nesse movimento etc. Nesse processo de estabelecer princípios, fomos aos poucos descartando e incorporando fazeres, justificações, teóricos. Assim, criamos antropofagicamente o que temos chamado de “história oral em educação matemática”. Sem arrogância, sem a necessidade de reserva de mercado ou de proteger fronteiras: trata-se apenas de marcar um processo de teorização, uma história, um modo de lidar que nos parece adequado e eficiente à luz dos nossos objetos específicos de estudo. Toda teorização autêntica, segundo esses nossos pressupostos, é processo, não enunciação de recortes vagos que se impõem ora cá, ora lá, de um momento a outro (GARNICA, 2015, p. 39).

¹⁰ No site do grupo, <http://www2.fc.unesp.br/ghoem>, há alguns desses trabalhos (em especial, teses e dissertações).

Sendo assim, uma primeira ação desta pesquisa foi definir quais os personagens pertencentes ao Distrito de Espírito Santo, que se relacionassem com a criação do Colégio Estadual do Patrimônio Regina, seriam entrevistados, sendo eles profissionais de áreas diferentes, atuações diversas dentro do colégio ou mesmo um morador que estivesse presente no contexto da instituição. Tal processo de escolha é de extrema relevância, pois cada entrevistado, colaborador desta pesquisa, poderia expressar uma visão diferente sobre a história, baseado em suas próprias experiências. De acordo com Santhiago e Magalhães (2015, p. 46),

a História Oral não deve ser vista como um mecanismo para extrair “verdades” ou detectar “mentiras”, mas pode, antes, ser compreendida como um poderoso método para acessar as múltiplas expressões de subjetividade localizadas em um tecido social.

A História Oral, nesta pesquisa, possibilita a interação entre eventos passados e presentes, relevantes para o desenvolvimento da escola, para as pessoas que estão em contato hoje com a instituição, bem como aquelas que irão conhecê-la e, assim, auxiliar na compreensão de sua história.

Desse modo e diante de uma instituição sem muitos registros de sua trajetória e de tantas pessoas presentes ao seu redor, decidimos registrar os relatos orais para constituição de fontes históricas e, assim, podermos conhecer a história da criação e do desenvolvimento do Colégio Estadual do Patrimônio Regina.

Diversos cuidados devem ser tomados durante a aplicação da metodologia na pesquisa: (i) os entrevistados devem estar cientes do projeto de pesquisa, seus objetivos e os procedimentos que serão realizados; (ii) é de extrema importância que o colaborador esteja ciente de sua importância, bem como deve se sentir livre para escolher participar ou não da pesquisa; (iii) tratar o entrevistado com respeito e cordialidade; (iv) qualquer trecho da entrevista utilizada deve estar devidamente autorizada mediante assinatura de carta de cessão; (v) durante a realização da entrevista, cuidar para que não haja danos emocionais e psicológicos ao colaborador ou mesmo atingir sua reputação (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 52).

Para a gravação ou filmagem da entrevista pode ser utilizado um gravador, um celular ou mesmo uma câmera de vídeo – lembrando que o entrevistado deve estar de acordo –, de modo que seja realizado o registro com precisão e com qualidade do início ao fim. É sempre recomendável que, após a finalização da gravação, seja realizado um *backup* do arquivo, garantido sua segurança.

De posse dos registros das entrevistas, inicia-se a fase da transcrição. O processo de transcrição consiste na transformação da gravação em palavra escrita. Nesta pesquisa, cada palavra, pausa ou expressão foram transcritas, sem alterações, no sentido de produzir um texto fidedigno ao que foi dito, sem alterar inclusive o sentimento que o entrevistado transmitiu durante a entrevista. É importante que a transcrição não seja realizada muito tempo após a coleta da entrevista, pois assim, as expressões e sentimentos do entrevistado estão mais presentes no texto (VIANNA, 2014).

O passo seguinte trata do processo de textualização, em que a entrevista, já transcrita, é organizada no formato de um texto a ser lido, com coerência, sem muitos vícios de linguagem – típicos da linguagem oral –, para que o leitor possa compreendê-la melhor. No entanto, nessa fase, deve-se ter o cuidado de não “limpar” o texto em excesso, retirando termos ou alterando frases, de modo a modificar o sentido original da entrevista. É importante que o entrevistado, colaborador da pesquisa, reconheça-se ainda na textualização (VIANNA, 2014).

O último passo consiste na coleta da carta de cessão, em que o entrevistado assina um documento, autorizando sua utilização (em partes ou na íntegra) da textualização, fruto de sua entrevista (VIANNA, 2014).

3.1 Os entrevistados

Em um primeiro momento, fez-se necessária uma busca por nomes de pessoas que conhecessem e que estiveram presentes na criação ou no desenvolvimento do Colégio Estadual do Patrimônio Regina. A escolha de cada entrevistado é de suma importância, pois, muito mais do que apenas informar sobre acontecimentos e a história da instituição, a fonte oral revela o seu significado nesse processo, contribuindo na construção do conhecimento informativo dos acontecimentos (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 23).

Durante nossa primeira visita à escola, minha orientadora e eu conversamos com a diretora, Lauriane dos Santos Lima, que, além de relatar uma breve história da escola, citou alguns aspectos históricos do Distrito de Espírito Santo, referenciando alguns nomes que poderiam contribuir com a pesquisa.

Com muita atenção, anotei cada nome em minha agenda para contatá-los e apresentar o projeto, verificando a possibilidade e disponibilidade de cada um em

participar da pesquisa. O primeiro nome indicado foi o de Alcides Antônio de Oliveira¹⁴, pela sua participação ativa desde o surgimento da escola, além de residir na região desde o processo de unificação do Patrimônio do Espírito Santo e do Patrimônio Regina, presenciando não só em grande parte o desenvolvimento da Escola, como também vivenciando as lutas travadas na localidade para a obtenção de qualidade de vida.

Após realizar o contato por telefone com Alcides, agendando a primeira entrevista, elaborei um roteiro com algumas perguntas-chave, que entreguei para ele com antecedência, para que pudesse se preparar. Também, foram apresentados, de forma esclarecedora, os procedimentos para participação na pesquisa, como: o projeto e seus objetivos, formas de utilização da entrevista (em partes ou na íntegra), tanto na dissertação, quanto para elaboração do produto educacional, gravação em áudio com o aparelho celular, transcrição fiel do texto, textualização de forma legível, sem expressões muito repetidas e longas pausas, revisão da entrevista pelo entrevistado para acrescentar fatos ou mesmo retirá-los e, por fim, a assinatura da carta de cessão (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 51).

No dia 13 de outubro de 2017, me desloquei do centro de Londrina até o Patrimônio Regina, no Distrito de Espírito Santo, realizando a primeira entrevista para esta pesquisa, na residência do colaborador, com duração de 42 minutos e 9 segundos. Ele relatou diversos fatos, desde sua época de estudante até o momento em que deixou de lecionar para se aposentar. O desenrolar da entrevista foi muito tranquilo e senti uma alegria enorme em conhecer a história de vida de Alcides.

Toda a entrevista foi registrada por meio de gravação de áudio em meu celular. Nem consigo descrever minha preocupação e cuidado com o aparelho após o registro da entrevista na volta para casa. Fiz, imediatamente, um *backup*, para garantir que não haveria perda do arquivo, pois senti a enorme responsabilidade de cuidar daquela gravação.

Uma vez registrada a entrevista, iniciei o processo de transcrição que “consiste na materialização objetiva das falas no código escrito” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 123), seguido da textualização ou edição, que “tem como finalidade tornar as falas mais legíveis, mais claras para quem as ler” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 126).

¹¹ Todos os nomes são reais, seguindo a fundamentação teórica e metodológica desta pesquisa.

Após esses processos, a textualização foi enviada para o entrevistado, a fim de que fosse revisada de acordo com o áudio e permitindo que ele realizasse alterações no texto, acrescentando ou omitindo informações.

Feito isso, já com as correções feitas, o colaborador assinou a carta de cessão dos direitos da entrevista no dia 19 de dezembro de 2017, autorizando a utilização da textualização integralmente ou em partes pela pesquisadora.

A segunda entrevista agendada deu-se no dia 7 de março de 2018, com a atual diretora da escola, Lauriane dos Santos Lima. Teve duração de 44 minutos e 13 segundos, sendo relatados fatos desde sua época de estudante, até o momento atual em que exerce o cargo de diretora da escola. Ela também falou de projetos futuros que tem junto à instituição. Durante toda a entrevista, a colaboradora abordou com orgulho os projetos interdisciplinares desenvolvidos na instituição, envolvendo a comunidade, os pais dos estudantes, os funcionários e os próprios estudantes.

Esta entrevista, em particular, marcou o processo de construção do meu trabalho, pois, nesta data, ao subir no ônibus estava chovendo bastante e fiquei preocupada em como me deslocaria do ponto de ônibus até a escola, uma vez que precisaria caminhar um pouco. Enquanto pensava em como descer sem sujar os sapatos de lama, observei duas moças conversando sobre o fato de que ficariam sem internet por conta da chuva e, durante o diálogo, tiraram da bolsa sapatos próprios para dias chuvosos. Observei até o final do trajeto as moças trocando de sapatos tão calmamente e descendo do ônibus sem reclamar de absolutamente nada. Fiquei refletindo sobre o fato de que elas realizavam esse trajeto todos os dias (elas estavam de uniforme escolar) e estavam sempre preparadas para situações adversas, enquanto eu estava realizando o mesmo trajeto poucas vezes e me mostrava tão preocupada e nervosa com uma pequena dificuldade.

Chegando na escola, conversei com a diretora que comentou sobre a rotina dos alunos em dias de chuva e que estão sempre preparados, uma vez que alguns moram longe da escola, em localidades pouco favorecidas por estradas adequadas.

Após coletar a assinatura da carta de cessão com a diretora, marquei as próximas três entrevistas com a professora de História, a professora de Ciências e o professor de Matemática. No entanto, nem todos os dias agendados foram tranquilos, pois aconteceram alguns imprevistos no decorrer do trajeto. Um deles foi o fato de eu ter descido no ponto de ônibus errado, o que implicou em 6 km de caminhada debaixo do sol das 13h, por uma estrada cheia de plantações e deserta. Cada caminhão que passava me assustava, por eu estar caminhando quase no meio da pista. Com receio de acontecer isso novamente,

comecei a procurar por pontos de referência. Por causa disso, observei cada estabelecimento no caminho – restaurantes rurais, Estância Patrial, sítios, Sanepar – e, quando avistei a igreja do Patrimônio Regina, procurei imediatamente a placa indicando a entrada. Ao encontrá-la, respirei fundo e pensei: “finalmente cheguei!”. Cheguei ao Patrimônio Regina sem forças após a longa caminhada e nem preciso dizer que perdi a oportunidade de realizar a entrevista naquele dia, pois estava muito atrasada.

Remarcamos a entrevista para outra ocasião, que acabou não dando certo novamente, me senti a pessoa mais azarada do mundo, pois o ônibus havia quebrado no meio do caminho e precisei esperar o próximo, precisando remarcar mais uma vez a entrevista.

Finalmente, nos dias 4 de maio, 22 de maio e 9 de junho de 2018, consegui realizar as entrevistas com os três professores – Clarice Pereira da Silva Góes, de História, Carmem Perez Dias Carlos, de Ciências e João Kazuo Miyabara, de Matemática, respectivamente. Foram entrevistas tranquilas, com durações respectivas de 25 minutos e 46 segundos, 15 minutos e 32 segundos e 7 minutos e 58 segundos. Cada uma com suas peculiaridades, em que cada professor retratou um pouco de suas vidas, quem são e seus papéis na escola hoje. A professora Carmem, como ex-diretora da instituição, relatou sobre a inauguração da escola; a professora Clarice contou sobre sua vivência junto a escola e um pouco das lutas travadas para o desenvolvimento da instituição; e o professor João, como sendo um professor novo na instituição, que, mesmo não conhecendo tanto de sua história, está sempre disposto a aprender e contribuir para o desenvolvimento da instituição, refletindo também a importância de um registro histórico da instituição a fim de que todos os professores possam conhecê-la. Essas entrevistas também passaram pelos processos de transcrição, de textualização e de assinatura da carta de cessão, para que pudessem ser utilizadas neste trabalho.

3.2 O dia a dia na escola

Durante o período compreendido entre os dias 1 de abril e 15 de junho de 2018, estive presente na escola, realizando o estágio supervisionado¹⁵, e pude conhecer melhor o dia a dia daquele lugar.

¹² O estágio supervisionado faz parte dos requisitos para cumprimento de créditos do Mestrado Profissional em Ensino de Matemática.

No primeiro dia, levantei cedo para poder me organizar e chegar no horário para iniciar o acompanhamento das aulas. Saí às 11h30 de casa, para tomar o ônibus “408”, com destino ao terminal central de Londrina; em seguida, subiria no “213”, direto para o Shopping Catuaí, onde pegaria o ônibus que me levaria até o patrimônio Regina. Cheguei no colégio às 14h30 e fiquei assustada com a demora de 3 horas para chegar até a escola. Pensei nos alunos que fazem trajetos longos como esse todos os dias e imaginei as dificuldades enfrentadas por eles para chegar até o colégio, sendo que muitos fazem este trajeto do seu dia a dia.

Fui muito bem recebida pelos funcionários na recepção e pela diretora, que me acompanhou até a sala dos professores e me apresentou todo o ambiente escolar: uma sala dos professores, uma sala da direção, uma sala da secretaria com três computadores disponíveis para os funcionários e quatro impressoras, um almoxarifado, um laboratório de Ciências (Química, Física e Biologia) em fase de implantação, uma cozinha, um depósito para produtos de limpeza, um refeitório, um banheiro para os funcionários e oito banheiros para os alunos, uma biblioteca da escola repleta de livros e um espaço para leitura com mesas e cadeiras dispostas para os alunos, um laboratório de informática com 25 máquinas disponíveis, uma quadra de esportes (Figura 9), onde os alunos realizam suas aulas de Educação Física e outras atividades, cinco salas de aula amplas e bem cuidadas e uma área de socialização e lazer (Figuras 10 e 11) dos alunos, que conta, inclusive, com uma mesa de pingue pongue.

Figura 9 - Quadra de esportes



Fonte: Colégio Estadual do Patrimônio Regina (2018b)

Figura 10: Área de lazer

Fonte: Colégio Estadual do Patrimônio Regina (2018c)

Figura 11 - Mesa de pingue-pongue

Fonte: Colégio Estadual do Patrimônio Regina (2018e)

Ainda no primeiro dia, encontrei com a professora Clarice, professora de História, que eu acompanharia naquele primeiro dia, e, juntas, fomos para a sala de aula. Fiquei encantada com a forma com que fui recebida pelos estudantes, todos conversando comigo e fazendo várias perguntas que eu nem sabia por onde começar a responder – de onde eu era, minha idade, meu nome, se eu era professora, qual disciplina lecionava, se eu iria ficar com eles. Surgiram até mesmo debates sobre a diferença de força física entre homens e mulheres – e eu e a professora Clarice ficamos espantadas com os argumentos dos alunos, que procuravam responder os questionamentos sobre o assunto da melhor maneira

possível. Todos os alunos foram muito educados, atenciosos e participativos na aula da professora, interagindo do início ao fim, com perguntas e respostas.

Cada aula tem duração de 50 minutos e, ao chegar o intervalo, os estudantes se deslocaram até a cantina, onde recebem o lanche muito bem elaborado pela merendeira da escola, e os professores se reúnem em sua sala. Vale ressaltar a presença atenta da coordenadora durante todo o período de aula, cuidando dos alunos e observando as necessidades dos professores.

Os outros dias de estágio supervisionado foram tranquilos e tive a oportunidade de continuar acompanhando a professora de História, bem como outros professores em sala de aula, para ter um maior contato com os estudantes. Pude, também, observar que algumas salas possuem TV fixas disponíveis para os professores utilizarem na apresentação de vídeos. A escola possui, também, dois projetores (*Datashow*) à disposição dos professores na secretaria, dois aparelhos de DVD, telefone e internet para os funcionários. As carteiras, nas salas de aula, são dispostas em fileiras e organizadas em círculos ou outras disposições quando necessário para alguma atividade, como mostra a Figura 12, e as janelas possuem cortinas, por conta da forte luminosidade. O colégio também possui um sistema de monitoramento interno, com câmeras filmadoras presentes nas salas de aula e transmitidas para a sala da direção escolar.

Figura 12 - Sala de aula



Fonte: Colégio Estadual do Patrimônio Regina (2018d)

Toda sexta-feira pela manhã se reúne o grupo de escoteiros, que, atualmente, conta com 17 participantes, composto por alunos do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, envolvendo também os pais desses alunos, que ajudam nos acampamentos ou nas atividades escoteiras. Tal atividade me chamou bastante a atenção, pois nunca havia presenciado uma escola que desenvolvesse esse projeto. Na Figura 13, há uma fotografia de atividades desenvolvidas por esse grupo.

Figura 13: Encontro de escoteiros



Fonte: Colégio Estadual do Patrimônio Regina (2018a)

Outros projetos também são desenvolvidos com os alunos, como a horta escolar, como consta na Figura 14, realizada nos fundos da escola, que conta com um enorme carinho por parte dos professores, que gostam de plantar, e dos alunos, que entendem de plantação. Este projeto traz como objetivos a valorização do trabalho e cultura do morador do campo, o aprendizado no manuseio saudável dos vegetais, conhecer as técnicas de cultivo orgânico, compreensão entre solo, água e nutrientes (COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA, 2016).

Figura 14: Horta escolar

Fonte: Colégio Estadual do Patrimônio Regina (2017a)

Há outro projeto, que foi desenvolvido na escola, chamado Regina Verde, ilustrado na Figura 15, em parceria com a Universidade Estadual de Londrina, que aborda os problemas e os desafios referentes as questões socioambientais, além de questões teóricas e práticas da relação com o meio ambiente, por meio de dinâmicas, oficinas, trabalhos de campo, apresentações. Como resultado do projeto, houve a criação de um almanaque feito por estudantes do coletivo jovem Regina Verde.

Figura 15: Regina Verde

Fonte: Colégio Estadual do Patrimônio Regina (2017d)

O grêmio estudantil, que, embora muito jovem, pois está em sua segunda gestão – teve a primeira gestão em 2015 e a segunda em 2016, 2017 –, é bastante ativo. Eles estão desenvolvendo a caminhada rústica do Patrimônio Regina (Figura 16), que teve a

primeira edição no ano de 2017, em que, uma manhã, todo o colégio vai a pé até a Mata dos Godoy¹⁶.

Figura 16: Caminhada Rústica



Fonte: Colégio Estadual do Patrimônio Regina (2017c)

Tive a oportunidade de conhecer vários desses projetos desenvolvidos como um modo de abordar a identidade do campo na escola, que atende prioritariamente a uma população rural.

¹³ Referência ao Parque Estadual Mata dos Godoy, localizado no Distrito de Espírito Santo, a 15 km do centro de Londrina e a 3,8 km da escola.

4 AS ENTREVISTAS

A apresentação das textualizações produzidas com os cinco colaboradores se dará em uma ordem que não segue a cronologia da realização das entrevistas. A opção, aqui, foi por olhar para trás: do *presente* para o *passado*. E por quê? Porque compreendo que, para conhecer o que se passa hoje na escola, é importante fazer uma retrospectiva.

Assim, a mais curta das entrevistas, com o professor de Matemática, João Kazuo Miyabara, ainda novato na escola, parece indicar a necessidade desse olhar (e dessa escuta) para o passado. Sua longa experiência enquanto professor contrasta com seu pouco tempo na escola, seu desconhecimento a respeito de sua história e seu ainda período de “adaptação” ao Colégio Estadual do Patrimônio Regina.

Nesse olhar para trás, mas ainda no presente, está a entrevista com Lauriane dos Santos Lima, atual diretora da escola, professora ali há seis anos. Veio para Londrina transferida de Curitiba e, como ela mesma diz, foi com assim que conheceu o Patrimônio Regina.

A professora de História, Clarice Pereira da Silva Góes, moradora da região desde 1987 e trabalhando no Colégio Estadual do Patrimônio Regina há sete anos, estudou na escola do Distrito de Espírito Santo e nunca imaginou que pudesse ser professora ali. Realiza um projeto com os alunos do Ensino Médio em que utiliza a História Oral para tratar da história do Patrimônio Regina e de como era a vida naquele lugar nas décadas passadas.

Chegamos à entrevista com a professora de Ciências, Carmem Perez Dias Carlos, que trabalha no Distrito de Espírito Santo há 24 anos. Foi a primeira diretora da Escola Municipal Egydio Terziotti, que funcionou, de 2004 a 2009, no prédio onde hoje é o Colégio Estadual do Patrimônio Regina. Como ela era professora nas redes municipal e estadual, em 2010, com a estadualização da escola, participou da transição. Foi, também, a primeira diretora do Colégio Estadual do Patrimônio Regina, até o ano de 2016. Ela conta que, hoje, é professora dos filhos de alunos que teve em 1993 e 1994, no Distrito de Espírito Santo.

Enfim, esse olhar para o passado nos leva a Alcides Antônio de Oliveira, morador do Patrimônio Regina desde 1973, quando o local ainda era conhecido como “Três Bocas”. Vivenciou o plebiscito de 1994, que decidiu sobre a criação do Distrito de Espírito Santo e que definiu, como conta, por cinco votos a mais, que a sede seria no Espírito Santo e não no Patrimônio Regina. Foi professor por 32 anos na escola do

Patrimônio Regina, hoje é vizinho do Colégio Estadual do Patrimônio Regina e sempre está presente nas ações que são ali realizadas.

Nas textualizações das entrevistas, haverá o uso de notas de rodapé para algumas explicações e informações que considero importantes para a compreensão do leitor, mesmo que elas já tenham sido apresentadas anteriormente, na dissertação ou em outra textualização. Espera-se, com isso, que seja possível realizar a leitura das textualizações de forma independente do restante do trabalho. Essas notas de rodapé foram produzidas por mim e não fizeram parte das textualizações cedidas pelos colaboradores.

4.1 João Kazuo Miyabara

Entrevista realizada em 9 de junho de 2018.

Meu nome é João Kazuo Miyabara, sou nascido aqui em Londrina¹⁷. Eu praticamente cresci na comunidade de Guaravera¹⁸.

A minha profissão, na verdade, é engenheiro agrônomo e, depois é que concluí a formação acadêmica em Matemática, então por isso que hoje trabalho em escola.

Toda minha vida estudei em escola pública também, fiz o primário em Guaravera, eu fiz o antigo ginásio também em Guaravera, aí o colegial, que é o Ensino Médio de hoje, eu fiz aqui em Londrina, aí fiquei uns tempos sem estudar, que a família necessitava que eu trabalhasse, então fiquei um tempo trabalhando e fui para o estado de São Paulo, mas por pouco tempo. Aí eu retornei, e fiz a Agronomia em Bandeirantes¹⁹.

Aí comecei a trabalhar depois de formado, comecei a trabalhar na propriedade da família, um sítio pequeno, eu trabalhei bastante tempo com o cultivo de uva e hortaliças. Aí, praticamente depois de ter casado, continuei morando em Guaravera.

Com o passar do tempo, as filhas, tenho três filhas, elas cresceram e, como à noite eu não ia ficar só vendo televisão né (risos), então eu resolvi trabalhar, porque, em Guaravera, o ensino na escola estava necessitando de professores formados, como na época não tinha, então eu comecei a trabalhar como PSS²⁰.

¹⁷ Município localizado na mesorregião Norte Central Paranaense, a 389 km da capital, Curitiba.

¹⁸ Distrito do município de Londrina, fundado em 1955, localizado a 40 km da sede do município.

¹⁹ Município localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, a 111 km de Londrina.

²⁰ PSS significa “processo seletivo simplificado”, na Secretaria de Estado de Educação do Paraná. A referência é feita aos professores que não são concursados, mas contratados por meio desse processo.

Aí, eu comecei a gostar de dar aula! Eu vendo que poderia ajudar os jovens, fiz a formação de Matemática, que atuo até hoje. Já faz 22 anos praticamente como professor.

Agora, o Patrimônio Regina²¹ veio na minha vida, por quê? A família precisa sempre mudar e as filhas formaram, estudaram aqui em Londrina, formaram e, na verdade, não iam voltar para Guaravera. Então, como a maioria da família, as filhas e a esposa preferiu vir morar aqui em Londrina, então viemos para Londrina e, como o Regina ficava próximo de onde eu moro, então eu resolvi fazer essa mudança para o Patrimônio Regina. Mas eu trabalhei praticamente 20 anos em Guaravera.

Na verdade, eu nunca imaginei ser professor, mas como eu comecei a trabalhar e comecei a gostar, então eu comecei a me aperfeiçoar. Fiz uma faculdade, a minha faculdade de Matemática foi em Presidente Prudente²² e então eu não fiz aqui na UEL²³.

Como eu disse, o Patrimônio Regina ficava próximo a minha moradia, então eu cheguei aqui, fui bem recebido, pelos colegas, pela direção, então eu adaptei bem. Como eu trabalhei sempre na escola de campo, em Guaravera, então eu me relaciono bem com os alunos, os alunos são maioria da zona rural também, então acho que me identifiquei.

Com relação aos pais dos alunos, a gente não tem muito contato, porque a vida de um professor é muito corrida, é sala de aula, então, às vezes, quando vem um pai, a gente explica a situação do aluno, que os alunos têm capacidade, tem muita gente que não aproveita essa oportunidade que tem de estudar, a gente coloca bem para os pais que, muitas vezes, os pais não tiveram essa oportunidade de estudar e coloca o filho para estudar e, muitas vezes, o filho vem para brincar e não aproveita o aprendizado.

Quanto à escola, eu não tenho muito que falar porque eu sou recente aqui no Patrimônio Regina. Mas estou me adaptando bem, eu vim aqui para somar, né. Então tudo o que a escola precisa a gente está aí à disposição, inclusive a quadra que foi melhorada, trabalhar na horta, então agora eu vou ajudar produzir algumas hortaliças para ajudar na merenda da escola, então a gente está procurando fazer o melhor.

Então, para dizer a verdade, eu gosto do que eu faço, trabalhar com adolescente é muito interessante, a gente quer mostrar a experiência que a gente obteve durante essa vivência. Hoje eu estou com 63 anos, né, então é uma experiência grande que quero passar para os alunos, mas tem alguns que ouvem, tem alguns que não, né, que leva tudo na brincadeira, mas, quem sabe um dia, vai servir para vida deles.

²¹ Pertencente ao Distrito de Espírito Santo, do município de Londrina.

²² Município localizado no estado de São Paulo, a 163 km de Londrina.

²³ Universidade Estadual de Londrina, localizada no município de Londrina.

Eu gosto bastante do Patrimônio Regina, me adaptei bem com os alunos também né, a escola, então...

E eu pretendo ficar aqui até me aposentar (risos)! Então essa que é a intenção minha, né. Eles dão toda a liberdade para gente, então isso que é interessante, gratificante isso aí, a gente fica como fosse em casa.

4.2 Lauriane dos Santos Lima

Entrevista realizada em 7 de março de 2018.

Meu nome é Lauriane dos Santos Lima, nasci em Antonina²⁴, Paraná, Litoral. Moro há seis anos em Londrina²⁵, aqui próximo, na zona sul de Londrina, próximo ao Patrimônio Regina²⁶. Minha profissão sempre foi professora. A minha formação acadêmica é em Ciências e Matemática e pós-graduação em Gestão Urbana, Ensino Superior, Ensino da Matemática e Gestão Escolar. Durante a minha vida acadêmica, estudei sempre em escola pública e também a faculdade foi pública. Foram cinco anos de Ciências e Matemática, no litoral do Paraná. Bom, a escolha da profissão foi porque, na minha família, há muitos professores, são cinco professores de Matemática, então eu convivi muito com isso e me espelhei muito em parentes. Durante a faculdade foi um ambiente bom, gostoso, porque a Matemática sempre foi desafiadora e buscar resolver o difícil, resolver questões que demoravam, demandavam muito tempo, isso era instigante e empolgante para mim e para a pequena turma que conviveu comigo durante esses cinco anos.

Agora, o Patrimônio Regina como eu conheci... Foi na transferência de Curitiba pra Londrina. A minha primeira etapa de profissão foi dentro da Secretaria de Educação²⁷, foram treze anos em Curitiba. Mas, na transferência, eu não conseguia demanda necessária para Matemática em colégio e uma demanda de quarenta horas eu vi na transferência, que tinha sessenta e quatro horas aqui no Patrimônio, e foi onde eu optei, mas eu vim conhecer o Patrimônio Regina só após a transferência.

²⁴ Município localizado na mesorregião Metropolitana de Curitiba, no litoral do estado, a 481 km de Londrina.

²⁵ Município localizado na mesorregião Norte Central Paranaense, a 389 km da capital, Curitiba.

²⁶ Pertencente ao Distrito de Espírito Santo, do município de Londrina.

²⁷ Referência à Secretaria de Estado de Educação do Paraná.

Agora, a minha relação com a escola foi mesmo durante seis anos. Uma paixão pela simplicidade com a relação ao campo, a maneira que o aluno também valoriza o campo, como ele lida com a horta, o conhecimento dele de terra, a valorização dele com a terra, como os pais também conversam e sempre esclarecem com exemplos da terra, então isso é muito interessante e é diferente de qualquer outra escola urbana, é uma peculiaridade somente dos distritos.

O aprendizado com o Patrimônio Regina foi a questão ambiental como professora de Matemática e já com uma experiência em gestão escolar em Curitiba, lá foram nove anos de gestão escolar, eu sempre gostei e me interessei muito por projetos, protagonismo juvenil, mas sempre voltado para o voluntariado ou pra questões urbanas, e aqui no Patrimônio Regina a gente pode desenvolver projetos e essas questões ambientais. Algo diferente é que, no urbano, você desenvolve o projeto em relação à questão ambiental, mas parece que fica um pouco distante e aqui realmente está muito próximo à Mata dos Godoy²⁸, está muito próximo a questões mesmo da terra, como os pais trabalham com uma lavoura e outra, como trabalham com criação de animais ou mesmo plantando ou criando, então, isso levou a desenvolver trabalhos ambientais. É claro que há uma dificuldade entre as lutas, para o desenvolvimento da escola, há muita dificuldade nos projetos, de você conseguir parceria, não porque a universidade ou outra instituição de educação ou que desenvolva projetos, não por falta de interesse, mas por falta de incentivo. Nós tivemos dois anos de parceria com a UEL²⁹ e nesse terceiro ano a gente teve que cortar um pouco essa parceria. Não porque eles optaram por isso, mas pela dificuldade de verba, corte de verbas, corte de transporte, diminuição de saídas de projetos da UEL para a comunidade. Então, essa é a maior batalha, o corte de verbas e de incentivo a projetos na escola foi o que realmente deu essa parada. Não só no Patrimônio Regina, mas em todos os colégios de Educação Básica. Não há mais programas de incentivo ao desenvolvimento de meio ambiente, gestão, sustentabilidade. Há muitos concursos, mas uma equipe que gere isso e vá até a comunidade, faça isso dentro da escola, isso não existe. Existem só concursos que querem colher o que a escola faz por si só, mas o interessante seriam esses programas mesmo de incentivo, programas, como havia antigamente, com empresas que incentivavam, que faziam planejamento

²⁸ Parque Estadual Mata dos Godoy, localizado no Distrito de Espírito Santo, a 15 km do centro de Londrina e a 3,8 km da escola.

²⁹ Universidade Estadual de Londrina, localizada no município de Londrina.

junto com professores, ou mesmo equipes, ONGs, e partiam para a comunidade, partiam para as creches, escolas e tocavam projetos.

Agora a história da escola do Patrimônio Regina. A escola cresceu junto com o Patrimônio Regina. O Patrimônio Regina começou muito pequeno e começou como as famílias que aqui vieram para plantar café, em 1948 mais ou menos. A primeira escola, Escola Municipal Barão do Cerro Azul, foi uma doação de terras. A família Bianchi e a família Terziotti doaram essa terra e começou ali a escola municipal. Depois, a escola municipal passou a ser Escola Egydio Terziotti³⁰ e, com a substituição também dessa escola primária de madeira para alvenaria, até a municipalização do Ensino Fundamental em 2009, muito recente, e começou mesmo o Colégio Estadual do Patrimônio Regina. Foi a criação do colégio e atendeu Fundamental, começou a atender com o Fundamental e depois aumentou para o Médio e nós temos, desde 2010, essa atividade, desde o sexto ano do Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio.

Conquistas alcançadas com a escola... De 2010 a 2018 são oito anos de escola e ela tem bastante destaques, ela tem bons índices. Os primeiros índices do IDEB³¹ já começaram com 4.7, 4.5³². Esses índices depois com os mesmos SAEP³³, SAEB³⁴ eles sempre estão acima do básico ou mesmo da média de Londrina, da média do Paraná. A gente tem conquistas também no ENEM³⁵, embora o governo tenha deixado de fazer o ranking do ENEM, mas no último ranking nós ficamos entre as dez escolas de pequeno porte com relação à comunidade de classe média baixa³⁶, foi um índice acima de quinhentos pontos e isso deu um destaque para o Patrimônio Regina, porque uma comunidade de campo, porque uma comunidade em distrito rural consegue esse destaque e outras escolas, às vezes maiores, não conseguem. Então, eu acho que o diferencial está nas turmas pequenas, na proximidade da família, hoje mesmo no campo é possível conversar com o pai por WhatsApp³⁷, pela internet... Então, essa proximidade com a

³⁰ Escola Municipal Egydio Terziotti.

³¹ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

³² Em uma escala de 0 a 10.

³³ Sistema de Avaliação da Educação Básica do Paraná.

³⁴ Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica.

³⁵ Exame Nacional do Ensino Médio.

³⁶ O Colégio Estadual do Patrimônio Regina obteve média geral de 540,64 nas cinco áreas de conhecimento do ENEM (Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Redação), classificando-se em 10º entre todas as escolas públicas de pequeno porte do país (com 1 a 30 estudantes matriculados no 3º ano do Ensino Médio), com indicador de permanência elevado (ou seja, 80% ou mais dos alunos participantes cursaram todo o Ensino Médio na escola) e com indicador de nível socioeconômico médio alto.

³⁷ Aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones.

família é o diferencial, as turmas pequenas e alunos com interesses rurais ainda é um diferencial, porque ele tem um foco em melhorar, ele tem um foco em fazer às vezes até para ficar no campo, ou com aquela pretensão de ir para a cidade, ele tem aquele foco de que ele precisa ser melhor que os outros para conseguir sobreviver na cidade, então isso são dois caminhos entre vários caminhos que eles trilham, mas são dois focos, assim, que têm bastante destaque entre eles e há um esforço, há uma seriedade, um respeito no aprender, ainda é algo peculiar aqui dessa região.

Agora para o futuro, pensando como escola, como projeto político-pedagógico, nós procuramos resgatar nesse projeto a identidade rural, a identidade de campo desses alunos, desta comunidade, buscando sempre projetos interdisciplinares e projetos mesmo com a escola com relação a protagonismo juvenil, com relação ao meio ambiente e que desenvolva e valorize esta vida, esta vida de campo, que valorize o trabalho dos pais, que valorize toda essa tradição que eles têm, essa relação que eles têm com a história, com o café, com os traços religiosos também que são fortes aqui entre as famílias, então tudo isso é algo que nós nos propusemos a fazer enquanto comunidade escolar, no projeto político-pedagógico e desenvolver isso na escola.

Agora o protagonismo juvenil ele não pode ficar só dentro da escola, e essa é uma das metas, que esses programas, esses projetos de meio ambiente, mesmo o Regina Verde como se intitulou e tem como base o grêmio estudantil, que eles continuem e que a gente consiga fazer valer essa atividade deles na comunidade, de criar um jogo com o não ao agrotóxico, saíram, pesquisaram, fizeram maquete, então todo esse conhecimento que se propague, a gente consiga fazer uma sequência de atividades aí com relação ao meio ambiente, com relação a esse espaço aqui do Patrimônio Regina. O Patrimônio Regina faz parte do Distrito de Espírito Santo³⁸. No Distrito de Espírito Santo há mil famílias, dessas mil famílias aqui no patrimônio são 200, mas como a gente atende a um raio de 14 km, são nove linhas de transporte escolar público que atende esse raio de 14 km, então há uma demanda territorial muito grande, mas hoje nós temos 250 alunos, então próximo de 240 famílias né? É uma responsabilidade grande, porque é uma área rural, mas é uma área rural extensa para a gente trabalhar. E é isso!

[Você pode falar um pouquinho mais sobre os projetos que a escola está envolvida, os projetos que são desenvolvidos aqui?]

³⁸ Distrito do município de Londrina, fundado em 1994, localizado a 15 km da sede do município.

Bom, nós podemos começar pelo escotismo³⁹, né? Nós temos o primeiro grupo escoteiro, que não é um grupo, ainda é uma seção escoteira. Hoje tem 17 escoteiros que já faz um ano, já estão lá em atividade há um ano em parceria com a escola. Então a atividade do escoteiro acontece aqui dentro da escola às sextas-feiras de manhã, com os alunos do sexto e sétimo ano do Fundamental, então são 17 alunos. É bom, porque formou um grupo também de 17 pais que ajudam nos acampamentos ou nas atividades escoteiras, e isso foi muito bom, porque o escotismo era algo que, na década de oitenta, década de noventa, tinha muito dentro das escolas e hoje é uma coisa que acabou no Paraná, no Brasil eu não posso te dizer, mas no Paraná isso deu uma cessada e é algo que ainda é forte na Europa, ainda é forte na Ásia, o escoteiro. Então a gente quis resgatar essa atividade que é voluntária, é uma atividade bonita e que tem tudo a ver com o campo também, então por isso que é uma atividade que é empolgante e a gente pretende com o futuro que esse grupo de escoteiros, que eles se tornem escoteiros sênior, mas que a gente também possa atender o lobinho, porque hoje a gente já começa com escoteiro, mas que a gente já possa começar também com o lobinho, e aí tendo o lobinho, tendo o escoteiro, tendo essa turma que vai se formar em escoteiro sênior, a gente possa formar realmente deixar de ser seção escoteira e passar a ser grupo escoteiro.

[O que que é o lobinho?]

Lobinho é pela faixa etária, até 11 anos, preciso até verificar bem certinho, mas até 11 anos. Escoteiro a partir dos 12 até os 15, dos 15 em diante ele é escoteiro sênior, e o lobinho é antes, né? Então tem toda a alcateia lá, então tem a primeira fase, depois que eu não sei o nome, mas, tem o lobinho, aí tem o escoteiro, e o escoteiro sênior, de acordo com a faixa etária do jovem, do adolescente. Então o lobinho é a criança ainda, aí o escoteiro já é o pré-adolescente, escoteiro sênior já é o adolescente, que depois já passa a ser o chefe de escoteiro.

Outra atividade que nós desenvolvemos em 2017, mas ela ainda continua com o Regina Verde como surgiu, “A bacia da minha rua”, com a ONG MAE⁴⁰. A ONG MAE esteve trabalhando com a gente em 2016, ela retornou em 2017 para algumas atividades e o GEAMA também, Grupo de Estudos Avançados do Meio Ambiente da UEL,

³⁹ Referência à “instituição, tida como extra-escolar, do Escotismo, pela sua natureza, enquadra-se historicamente entre as instituições escolares destinadas a complementar a educação formal nos estabelecimentos de ensino, muito em voga no Brasil após o Estado Novo de 1937, com ênfase após a Redemocratização de 1946” (THOMÉ, 2006, p. 171).

⁴⁰ ONG MAE – Meio Ambiente Equilibrado, entidade dedicada a pesquisa e conservação ambiental no município de Londrina.

departamento de Biologia, que foi quem protagonizou o coletivo jovem Regina Verde. Trabalhou com a gente 2016, 2017 e aí a gente também ainda tem uma parceria pra 2018. Em 2017, a gente finalizou o Almanaque GEAMA⁴¹, esse almanaque foi criado e feito por alunos do coletivo jovem Regina Verde. Então esse coletivo já tem um crédito para a criação desse almanaque, e também tem um segundo crédito, porque esse almanaque foi para internet e aí ele passou a ser e-book também, né? Então são dois créditos e são alunos, são 10 alunos no Ensino Médio que já têm crédito científico, porque montaram o almanaque. E nós temos com a UEL ainda muito material que foi criado inédito pra montar um segundo almanaque. Então a gente precisa ir atrás ainda de patrocínio tudo, porque o primeiro almanaque foi todo patrocinado pela UEL, agora o segundo a gente tem que ir atrás de patrocínio para fazer, porque a gente tem conteúdo pra fazer o segundo almanaque só precisa editar, já está editado até, só precisa rodar.

O grêmio estudantil ele também é ativo, embora ele seja muito jovem, o nosso grêmio estudantil está numa segunda gestão, ele teve a primeira gestão em 2015 e a segunda gestão foi em 2016, 2017. Então esses meninos estão encerrando agora em 2018, mas são protagonistas, porque com eles a gente pôde contar para a festa junina e pôde contar também no auxílio à organização da primeira caminhada rústica do Patrimônio Regina. Então isso foi algo inédito em 2016 e a gente pretende fazer a segunda caminhada em 2018, já está dentro da nossa agenda das nossas atividades, o que seria uma manhã onde todo o colégio vai a pé até a Mata dos Godoy e aí a gente tem todo o patrocínio e colaboração da polícia rodoviária, da SANEPAR⁴². Ano passado, a gente teve até a cobertura de imprensa, então é uma atividade ecológica porque a gente convida a comunidade e caminha até a Mata dos Godoy, lá a gente faz um piquenique, descansa um pouquinho, os que aguentam ainda dão uma passeada, fazem o roteiro ecológico na Mata dos Godoy, os que não aguentam, esperam e só assistem a palestra, mas está próximo do parque. Ser vizinho do parque dá essa sensação de vizinho mesmo, né? Vamos visitar o nosso vizinho e vamos a pé, não precisa pegar ônibus para visitar o vizinho. Então, isso foi a primeira coisa que nós pensamos quando resolvemos caminhar, então vamos dar um nome bonito pra essa caminhada, e aí surgiu a primeira caminhada rústica do Patrimônio Regina.

⁴¹ Disponível em: http://www.uel.br/ccb/biologiageral/portal/pages/arquivos/E-BOOK/GEAMA-UEL_CARTA_DA_TERRA_DA_ESCOLA.pdf.

⁴² Companhia de Saneamento do Paraná, empresa brasileira que detém a concessão dos serviços públicos de saneamento básico em cidades do Estado do Paraná.

Outra questão é a horta, por exemplo. A horta é 2x10, que é nos fundos do colégio mas tem um carinho muito grande dos professores que gostam de plantar, dos alunos que entendem de plantação, então a gente às vezes tem a monitoria do grêmio, às vezes monitoria de quem entende de horta, ajuda de muitos pais que entendem de horta, contribuem com sementes, com orientação, e aí a gente sempre faz durante o ano, planta alface, prepara os canteiros, mas não é a gente que planta, são os alunos, eles plantam, fazem os tipos de alface, depois colhem, fazem as medições, fazem tabulação e aí levam o alface para casa. Então, antes de levar esse alface, tem toda uma didática, tem todo um pedagógico ali e eles gostam do orgulho de ver. Claro que eles pegam aquele canteiro limpinho, mas eles têm o orgulho de estar ali regando e depois pesando tudo e mostrando para os pais, então a gente faz isso umas duas, três vezes por ano, é possível a gente fazer, preparar isso e é disputado, estamos com apenas 10 canteiros mas eles disputam, as turmas né, disputam os espaços ali, uma quer mais que a outra, mas é muito bom, porque aí mantêm a horta com aquele verde bonito e organizado.

[Como que você percebe o envolvimento dos professores, tanto com a comunidade que provavelmente alguns vêm de fora, tanto com a comunidade como com os alunos, as atividades da escola?]

Devido a essa identidade que a gente conseguiu conquistar, com o próprio projeto político-pedagógico, o que é apresentado aos professores no planejamento, na semana pedagógica, a gente conseguiu uma identidade dessas atividades, desse jeito de trabalhar, e criou esse roteiro de trabalho, mesmo com o professor que é totalmente urbano e ele se encanta até por isso, porque todo ano nós temos grupos diferentes de professores e aí a gente coloca a nossa proposta, mostra as atividades do ano anterior, né? Assim: “é isso que a gente tem para esse ano, quem quer colaborar com a horta, quem quer colaborar com isso, caminhada rústica, qual dia, quem quer... tudo...”. E aí a gente vai montando em conjunto com eles essas atividades e há uma aceitação dos professores, porque, como essas atividades também as salas de aula são mais calmas e isso é diferente do urbano, então o professor: “nossa, como os alunos gostam disso, se interessam, gostam de trabalhar em equipe, como eles participam...”. Então, o professor se identifica muito. Muitos vieram aqui para apenas cinco aulas e acabaram hoje, já estão com 40 aqui, porque gostaram. Então, isso que aconteceu comigo também. Eu vim, a princípio, com poucas aulas e acabei ficando na direção até, porque é diferente, o professor quer isso, ele busca isso, ele busca salas pequenas, um ambiente mais calmo, um ambiente onde ele possa falar, que ele seja ouvido quando propõe um trabalho em

grupo e haja atividade nesse grupo, então todo professor busca isso. Embora hoje haja muita propaganda da “ah, tecnologia, sala virtual e isso...”, isso é bom, a gente tem nosso laboratório, há atividades também com a internet, mas o raciocínio, a disciplina, o pensar, o buscar solução, ainda é ali com a conversa, o provocar, sensibilizar e é isso que o professor espera, e ele se encanta, porque muitos trabalhos conseguem ser desenvolvidos aqui, todo ano nós temos... No ano passado, nós tivemos três trabalhos de mestrado que foram desenvolvidos aqui, esse ano nós estamos já com dois trabalhos de mestrado também sendo desenvolvidos aqui, porque é um bom laboratório que os alunos respondem a isso e é isso que o professor quer, eles sempre elogiam e gostam muito disso. [Tem muito professor PSS⁴³ aqui?]

Nos últimos três anos, houve uma diminuição. No ano passado, nós tínhamos apenas dois professores PSS, esse ano nós temos três ou quatro, é pouco para um total de quase 30, né? São poucos professores, poucos. Nós temos sempre uma variação do grupo, porque, como é uma demanda pequena, o professor não consegue ficar lotado aqui, apenas as disciplinas maiores, Geografia, com carga horária maior, Geografia, Matemática, Português, mesmo da base. Mas professor do Ensino Médio, Sociologia, Física, Filosofia, Química, esses já não conseguem ficar lotados, então a gente sempre tem essa alteração, mas são poucos os PSS aqui.

[E o relacionamento dos PSS que vêm para cá, em relação à comunidade, em relação às atividades envolvendo o campo, como que funciona? Eles sentem muita dificuldade de se adequar? Ou a própria escola sente alguma dificuldade por que é muito rotativo, né?]

Aham... Então, a gente tem um pouco de dificuldade com professores das exatas, das exatas isso é um pouquinho mais difícil, né? Mas, com os professores das humanas, parece que são mais abertos a esse propósito. Mas não sentimos assim dificuldade mesmo de algo assim não dar certo ou não, parar, ou não ser feito porque um ou outro professor... Sempre a maioria faz mover as atividades.

[Em relação ao desenvolvimento da escola, todo esse processo de desenvolvimento da escola, para ela ter a estrutura que ela tem hoje, os problemas foram muito grandes em relação à Secretaria de Educação?]

Quanto à estrutura, nós temos bastante problemas, porque a escola rural, a escola de campo, ela fica muitas vezes, não que ela fique por último, ela fica em segunda

⁴³ PSS significa “processo seletivo simplificado”, na Secretaria de Estado da Educação do Paraná. A referência é feita aos professores que não são concursados, mas contratados por meio desse processo.

etapa, em segundo plano sempre nos programas, nos projetos, né? Por ser menor, ela poderia ser piloto, mas não... Então, geralmente, os programas são lançados em escolas maiores, são priorizados nas grandes escolas, projetos, programas, e depois, quando já está numa segunda etapa, aí vem para o campo, vem para rural, né? Um exemplo: mesmo conectados, os programas que exigem estrutura, computadores, que exigem linha telefônica, ou qualquer outra coisa, a questão de megas de internet, então esses programas são deixados para uma segunda etapa, “ah, num segundo investimento, a gente vai para as rurais, num segundo investimento, a gente faz isso no campo”. Mesmo o RCO⁴⁴, que é o programa de registro on-line da Secretaria de Educação, ainda está sendo implantado nas escolas rurais, mas nem todas. Ainda há um registro aqui manuscrito, o que, pela dificuldade de investimento em rede de internet, a gente ainda fica aguardando uma segunda etapa.

Quanto à estrutura, a gente realmente sofre um pouco, porque aqui, particularmente, o prédio é da prefeitura e, na maioria das escolas rurais, ou há gestão compartilhada, metade prefeitura metade estado, ou como aqui é cedido o prédio, há uma cessão do prédio municipal para o estado, então tem essas questões que dificilmente... é uma questão de 10, 20 anos para a gente resolver isso, questão estrutural das rurais. Então, a gente sofre um pouquinho com as demandas de projetos, mesmo... escolhas, né? Estar à frente dessas decisões da SEED.

[Tem alguma coisa que você queira complementar, algum comentário, alguma informação adicional?]

Bom, eu não sei como são as outras escolas de campo no estado do Paraná, mas particularmente, em Londrina, por ter desenvolvido com o café, com a agricultura, pelo agronegócio ser muito forte aqui, então aí é até uma contradição dizer assim, “mas como? Vocês ficam em segundo plano para alguns projetos, mas vocês são valorizados?”. Assim, não, a gente tem um valor como um respeito né? A gente tem um valor, as escolas de campo têm um valor e um respeito pelo trabalho que desenvolvem. Porque as escolas de campo elas têm esse diferencial e elas atendem esse diferencial, elas conseguem atender com as suas propostas pedagógicas essa identidade rural. Então, isso resulta num respeito a essas escolas, principalmente aqui em Londrina, porque é forte, o agronegócio, é forte a agricultura, mesmo essas cidades pequenas aqui próximo, né? Isso é muito forte. Então, a gente consegue esse destaque, né? Quando você se

⁴⁴ Registro de Classe On-line, utilizado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

apresenta como um aluno da escola de campo, seja Patrimônio Regina, Guaravera⁴⁵, Paiquerê⁴⁶, Irerê⁴⁷, quando você se apresenta como escola de campo, há um respeito ainda, há uma valorização, porque sabe do trabalho que é feito nessas escolas. Então, nós temos muita alegria de colocar todo ano cinco ou seis alunos na UEL, e eles continuam com destaque, porque, realmente, a cota veio contribuir pra isso, é algo que a gente precisa valorizar, porque é a oportunidade principalmente de o aluno de campo ter esse acesso. Então, esse ano, nós tivemos seis alunos na UEL, de um universo de 20, onde doze disputaram, doze foram para a primeira fase, entraram nessa primeira fase, foram para segunda, e, desses doze, nós temos seis lá dentro. Como a gente tem sempre essa perspectiva, de que sempre cinco ou seis que passam, então para o aluno, tem essa credibilidade de que ele é capaz de concorrer com um aluno urbano, que ele é capaz de desenvolver, de produzir e de estar na universidade, seja pública ou privada, no mesmo nível do que o aluno da pública urbana. Então, isso é um ponto a mais para a rural, por esse respeito e por essa valorização do meio em que se desenvolveram as cidades aqui no Norte do Paraná, né? Não sei se isso também acontece no restante do Paraná, algo para se fazer um estudo, hein (risos)? Os historiadores aí hein? É, né, uma relação que você vai fazendo as conexões né?

Eu posso falar da meta para os índices de reprovação, evasão, questão pedagógica mesmo, pode ser?

[Pode!]

Bom, uma das preocupações, não só do Patrimônio Regina, mas de toda escola, é com relação a índices, reprovação e evasão, aprovação, credibilidade nas avaliações externas, que não dão um ranking, mas que são sempre cobrados, há sempre um programa de cobrança contra as avaliações externas. E já é o segundo ano em que a gente pensou isso e foi persistente nessa questão, primeiro com os nossos alunos, implantar uma prova objetiva durante os trimestres que fosse conjunta e que ele tivesse oportunidade de ficar ali três horas com a disciplina de raciocinar, de pensar, de não só naquela gavetinha daquela disciplina, mas ele perceber o todo que ele estudou durante o trimestre. E nós fizemos isso no ano passado, o que os alunos chamam de simulado, a gente chama de prova objetiva. Então, a gente faz um conjunto, monta uma prova com 30 questões de todas as disciplinas, cria um ambiente, mistura as turmas, cria um

⁴⁵ Distrito do município de Londrina, fundado em 1955, localizado a 40 km da sede do município.

⁴⁶ Distrito do município de Londrina, fundado em 1964, localizado a 35 km da sede do município.

⁴⁷ Distrito do município de Londrina, fundado em 1947, localizado a 25 km da sede do município.

ambiente de fiscal, com gabarito e não pode sair para saídas externas, não pode sair tal horário, estabelece um ambiente de concurso mesmo, para que ele tenha essa costume de raciocínio e de disciplina, numa atividade de 3 horas de concentração, isso melhorou bastante no ensino, melhorou bastante a qualidade das provas também. Os professores se atentaram para qualidade da sua questão, um colaborou com o outro para criação de questões e como abordar tal assunto mesmo, abordar em conjunto os assuntos, aí já parte para interdisciplinaridade também. Mas foi bom para o colégio, foi bom para o grupo de professores, foi bom para o aluno, foi bom para as famílias, porque elas têm aquele feedback do que está sendo feito e como é que esse aluno está sendo avaliado, se ele está realmente aprendendo. Então é um feedback, porque o aluno que não aprende, a gente chama a família, faz a recuperação, logo em seguida já faz aquela recuperação paralela, mas o pai já fica sabendo que o aluno precisa mesmo recuperar ou precisa mesmo de reforço, já lá no começo. Então, até o terceiro trimestre, ele já está mais habituado a isso. Então isso contribuiu para a organização pedagógica.

Outra questão quanto à evasão e à reprovação, nós temos uma rede de proteção, e a rede de proteção é lei em todo o Paraná, em todo Brasil, né? Mas ela não é levada muito a sério. Mas, nas rurais, elas têm 100% de participação nas reuniões da rede, porque há um agendamento. O que seria a rede, né? É rede de proteção da criança e ao adolescente. Dessa rede participa patrulha escolar, a UBS⁴⁸, o CRAS⁴⁹, CREAS⁵⁰, escola municipal, escola estadual, Núcleo de Educação⁵¹, Secretaria Municipal, nós temos ali outros profissionais envolvidos com problemas familiares e aí trata a família. Mas isso, na rural, tem funcionado para participação das escolas e participação da rede. Então, quando se fala de rede de proteção e alguma atividade efetiva na evasão, na reprovação e alguma atividade em conjunto que traga o menino para a escola, que resgate a família, a rural, ela é um dos exemplos, esse ambiente mesmo de participar e de saber, de saber que o pai se muda, ele tem a responsabilidade também com o pai e fazer isso em conjunto, fazer em conjunto com a UBS. Como a gente é vizinho do posto de saúde, a gente faz muito isso em conjunto, “mas o que está acontecendo com o aluno que está faltando muito? Dá para pesquisar na família, dá para pesquisar na CREAS, no CRAS”. Então, a gente tem muito isso, essa liberdade de ir até a rede e buscar essas informações que

⁴⁸ Unidades Básicas de Saúde.

⁴⁹ Centro de Referência de Assistência Social.

⁵⁰ Centro de Referência Especializado de Assistência Social.

⁵¹ Núcleo Regional de Educação da Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

não dependem só do pai, mas tem uma rede que cuida dessa família e já sabe o que está acontecendo e consegue resolver. Então, isso que contribui muito porque a nossa reprovação chega a 0.2⁵², mas a nossa evasão, ela está há muitos anos próxima do zero.

4.3 Clarice Pereira da Silva Góes

Entrevista realizada em 4 de maio de 2018.

Meu nome é Clarice Pereira da Silva Góes. Sou professora de História aqui do Patrimônio Regina⁵³ e sempre quis ser professora, desde pequena.

Passei um período sem estudar, voltei, fiz História e terminei em 2002, não conseguia aulas, e fiz Pedagogia também. História fiz pela Universidade Estadual de Londrina⁵⁴, aí não conseguia aulas, então fiz Pedagogia também por uma outra universidade, pela ULBRA⁵⁵, fiz pós-graduações e a primeira escola em que eu trabalhei foi no Thiago Terra⁵⁶. Eu comecei minha vida profissional lá, mas eu já era casada com meu esposo que mora aqui, porque a minha história é bem engraçada.

Eu mudei aqui próximo em 87, então eu estudei na escola do Espírito Santo⁵⁷, eu fiz 7º e 8º ano na escola do Espírito Santo, e Ensino Médio eu fiz no Colégio Vicente Rijo⁵⁸ e eu sempre quis ser professora, então acabei indo para área de licenciatura, mas nunca imaginei trabalhar aqui no Patrimônio Regina e, quando eu assumi a minha vaga do concurso do estado do Paraná, eu fui parar no Thiago Terra, em União da Vitória⁵⁹ e aqui a escola já existia, porque a escola já existe desde 40 se não me engano, então é uma escola antiga.

O primeiro nome dela eu sei que foi Barão do Cerro Azul⁶⁰, porque o meu marido estudou aqui, ele fez primeira à quarta aqui e depois de Barão do Cerro Azul ela virou Egydio Terziotti⁶¹, que é quando a prefeitura reformou, reconstruiu e depois houve a

⁵² Porcentagem.

⁵³ Pertencente ao Distrito de Espírito Santo, do município de Londrina.

⁵⁴ Localizada no município de Londrina.

⁵⁵ Universidade Luterana do Brasil.

⁵⁶ Colégio Estadual Thiago Terra, no município de Londrina.

⁵⁷ Distrito do município de Londrina, fundado em 1964, localizado a 35 km da sede do município. Londrina está localizada na mesorregião Norte Central Paranaense, a 389 km da capital, Curitiba.

⁵⁸ Colégio Estadual Professor Vicente Rijo, no município de Londrina.

⁵⁹ Jardim União da Vitória é um bairro localizado na zona sul do município de Londrina.

⁶⁰ Escola Municipal Barão do Cerro Azul.

⁶¹ Escola Municipal Egydio Terziotti.

separação. Havia duas escolas municipais próximas, o município juntou e formou um município só e a outra escola virou estado, no caso aqui ficou estadualizada, mas eu não poderia vir para cá, porque os professores que vieram pra cá foram só PSS⁶².

Aí, em 2004, aqui já era prefeitura, já tinha virado Egydio Terziotti, eu assumi o meu concurso em outubro de 2005. Em 2010, eu pedi remoção, porque aí já havia estadualizado, os professores que vieram para cá, a princípio, foram PSS, porque quando surge a vaga são os que assumem as aulas. Aí, no processo de remoção, eu pedi a vaga, foi a única escola para qual eu pedi remoção e daí deu certo de vir pra cá. Em 2011, eu comecei a trabalhar aqui, então faz sete anos que eu sou professora de História aqui. E, assim, até o ano passado foi a turma que fez do sexto até o terceiro aqui! Deu certo de pegar sexto, sétimo, oitavo, nono, primeiro, segundo e terceiro ano, todos dentro desse espaço, desse ambiente escolar. O desempenho deles, assim, é muito bom. A escola, mesmo sendo um ambiente rural, eu acredito que tenha conseguido ter um êxito. É claro que 100% não consegue, mas, por exemplo, nós já conseguimos uma meta no MEC, que eram, assim, turma de terceiro ano ficar em primeiro lugar no Paraná. Então é uma honra muito grande, mas também é a dedicação dos alunos, aquele empenho em leitura, em tarefas, e a escola tem uma estrutura, o suporte que foge um pouco a regra do rural, ela tem o suporte tecnológico, ela tem a biblioteca, então ela consegue dar um apoio para esses alunos.

Ainda faltam recursos, porque a escola pública passou por uma fase de investimento, que foi de 2005 até 2009, mais ou menos, houve investimento tecnológico. Quando houve a troca de governo⁶³, esse investimento na área tecnológica estabilizou, então é como se não houvesse essa necessidade e os aparelhos tecnológicos são descartáveis. Até que a rede pública faça a licitação dos três orçamentos que são necessários, faça a compra e faça a entrega desse produto, ele já está fora de linha, ele já está ultrapassado, já tem outro na frente. Então, quando nós recebemos, por exemplo, os tablets, alguns já travavam, o meu, por exemplo mesmo, eu não usei, eu comprei um tablet para poder usar em sala de aula com os alunos, porque a primeira remessa de tablets entregue não foi de boa qualidade, aí o segundo foi um pouco melhor, acho que

⁶² PSS significa “processo seletivo simplificado”, na Secretaria de Estado da Educação do Paraná. A referência é feita aos professores que não são concursados, mas contratados por meio desse processo.

⁶³ Roberto Requião, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), foi governador do estado do Paraná em dois mandatos: de 2003 a 2006, e de 2007 a 2010. Em 2011, assumiu o governador Beto Richa, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

por conta da reclamação e tudo. TVs nós não podemos contar mais, porque as TVs já não têm nem conserto mais, devido ao prazo de compra. Porque elas foram entregues em 2005, justamente o ano em que eu assumi, então essas TVs laranjas já estão mais que ultrapassadas, porque elas ainda são tubos de imagem, som, tudo, então, assim, falta investimento do governo agora.

Mesmo porque essa parte tecnológica exige muito, não apenas de nós, mas também do governo e os alunos cobram isso, né! Porque muitos não têm acesso em casa, então eles esperam ter acesso aqui. Por exemplo, computador mesmo, uma parcela deles possui acesso em casa, outra parcela não tem. E aí essa necessidade de fornecer para eles essa possibilidade de ter o acesso, essa inclusão digital, porque, quando eles saírem daqui, eles têm que ter esse conhecimento, a escola é o espaço que precisa fornecer para eles o conhecimento para inclusão social depois, porque em qualquer tipo de local que eles forem, eles vão precisar desse conhecimento e, se nós não tivermos, como que nós vamos oferecer? E alguns computadores já estão quebrados, tem sala que já não tem mais TVs, é por isso que a nova direção está fazendo vários tipos de promoções para ver se consegue fazer a troca das TVs, para não ficar esperando do governo, porque não tem previsão para isso e a gente também não pode ficar esperando. O aluno também não pode ficar restrito à falta desse aparelho porque a escola não tem, né. Então nós temos que abrir a outros leques que possam fornecer isso para o aluno.

A escola toma a frente, que é uma parte que o governo deveria suprir, mas que ele tem outro viés nesse momento, que não é a educação. Já vai para o segundo mandato que a educação não é visada, né.

Mas aí entra no aspecto de alienação também, né, porque quanto mais alienada estiver a população, mais fácil a dominação. Tem essa questão. Mas, como o nosso intuito é educar e prepará-los para a vida lá fora, então nós trabalhamos muito para isso, nosso objetivo é trocar as TVs para que eles possam ter um acesso melhor. Agora, os computadores, ainda tem computador que dá para trabalhar com eles, o maior problema agora são as TVs, tem sala que não tem e aí fica mais complicado usar uma atividade ou outra, porém tem o datashow. O datashow que a gente consegue levar para sala e utilizar. Tem a sala de multimídia também que dá para usar, supre a necessidade visual deles, mas ainda falta, acho necessário que tenha uma em cada sala para que eles se desenvolvam melhor.

Sobre os alunos serem do campo, nós, os professores que fazem parte do grupo agora, fizemos uma capacitação chamado PACTO⁶⁴. Nesse curso, nós entendemos como era importante a identidade do aluno, destacar essa identidade dele e colocá-lo como um aluno que fosse participativo do seu processo de aprendizagem, protagonista mesmo e aí, a partir dessa ideia e de trabalhos interdisciplinares, isso tem sido desenvolvido. Então você visa juntar o conteúdo, que é importante para ele, para quando ele saia daqui, a parte filosófica, sociológica, histórica, e também a identidade dele, para que ele não se perca. Então, valorizando a identidade dele do campo, mas também ligando ele com o novo, com o tecnológico, com o lá fora, que ele precisa ter esse conhecimento de como é depois, porque nem todos querem ficar no campo, eles são daqui, eles trabalham, uma grande parcela com a produção familiar, a agricultura familiar, mas eles não têm vontade de continuar, o objetivo deles é ir para cidade, eles falam “quero ir para cidade, professora”. Essa ideia de que lá vai ser diferente, né. Então o objetivo da escola é fazer com que ele se reconheça enquanto rural, se reconheça enquanto construtor da sua própria identidade, mas que consiga dominar esses conteúdos, porque é importante para ele.

Sobre o trabalho de história oral, nós começamos um projeto para desenvolver um livro sobre a história do Patrimônio Regina, né, com os alunos. O objetivo era que fosse com os alunos do terceiro, só que os alunos do terceiro sempre têm a visão do vestibular, outros objetivos, então eles fizeram a entrevista, fizeram a transcrição, porém eu estou tentando escrever esse livro com outra turma, porque eles acabaram desistindo na hora de transformar aquela transcrição em um texto, de como ocorreram as histórias, de como era a vida no decorrer da década de 80, 90, eles não querem reescrever. Porque eu pego o texto da entrevista eu tenho que fazer uma releitura disso né, e é trabalhoso! E aí eles não tiveram aquela paciência toda, então estou tentando com outra turma. Mas foi bem interessante.

Eu gosto de morar e viver aqui, é bem tranquilo, assim, é bem calmo, bem sossegado! Mas já foi mais tranquilo. Hoje nós podemos dizer que o urbano está chegando, que a urbanização está chegando até aqui, tanto que os condomínios horizontais⁶⁵ são um ferver, né, eles estão muito próximos, e só não estão mais próximos por falta de fragmentação de espaço territorial mesmo. A hora que eles conseguirem

⁶⁴ Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio.

⁶⁵ Na área limite da sede do município de Londrina, vizinha ao Distrito de Espírito Santo, foram construídos diversos condomínios horizontais, sendo a maioria deles de alto custo.

fragmentar um pouco mais, vai acabar a zona rural aqui, provavelmente em menos de dez anos já não seja tão rural assim, porque a violência, o barulho, isso já aumentou consideravelmente. Porque eu moro aqui há 20 anos, esse ano faz 21 desde que eu casei, então já aumentou, era bem mais tranquilo, você não ouvia falar em assalto, agora já é constante aqui, então, assim, a urbanização ela está chegando.

Eu acho isso interfere diretamente na identidade de campo dos alunos, eles trabalham e tudo, mas eu não sei se eles se veem totalmente como do campo. Nós somos, estamos, né, fazemos parte do campo, mas é tão próximo da cidade, que eles têm um olhar diferente. Porque, por exemplo, eu dou aula aqui e em São Luiz⁶⁶, eles têm uma visão diferente dos alunos de São Luiz, entendeu? Os alunos se veem mais longe, eles se veem mais ruralizados, os de São Luiz, do que os daqui. Os daqui são mais próximos então acho que eles... “não, eu sou de Londrina”.

Eles fazem muitas festas, eles vão a festas, eles vão muito ao shopping, então se você falar “olha, está passando tal filme”, eles falam “ah, eu já assisti”. Então é um pouquinho diferente de São Luiz, até mesmo por conta da renda per capita, eu acredito, e aí, por conta de estar trabalhando lá também, eles não têm... Então, se você falar assim, “olha, vamos ao cinema?”, lá eles ficam desesperados pra ir ao cinema, aqui não, aqui já “ah, eu vou sozinho porque aí eu posso fazer o que eu quiser”, entendeu? E, para eles, não, assim, “vamos ao museu?”, “vamos, vamos logo, porque eu quero sair daqui, eu quero ver a cidade, eu quero ver um lugar diferente”, então, assim, os olhinhos brilham, né, e aqui já é muito próximo. Então eu acho que, por conta dessa proximidade e facilidade de transporte, porque hoje eles têm ônibus muito rápido. Quando eu vim morar para cá, por exemplo, eu ia fazer faculdade, tinha que sair daqui 6 h da manhã pra chegar lá às 8 h, porque o ônibus ia daqui para o terminal central, do terminal central para a UEL⁶⁷. Então era uma viagem, para não chegar atrasada tinha que sair 6 h da manhã, agora não. Agora, o ônibus vai até ao shopping⁶⁸, do shopping para UEL. E o acesso é mais rápido, você tem mais lugares, porque aumentou a população, então, conseqüentemente, aumentaram-se os ônibus. Já São Luiz não, em São Luiz tem ônibus em menos horários, então eles têm menos possibilidade de fazer esse passeio.

Quanto aos alunos terem ligação maior com a terra, com o campo, eu acho que se mistura, acho que se mistura muito. Depende muito, porque há rotatividade, aqueles

⁶⁶ Distrito do município de Londrina, fundado em 1955, localizado a 32 km da sede do município.

⁶⁷ Universidade Estadual de Londrina.

⁶⁸ Shopping Catuaí Londrina, localizado a 9,9 km do Colégio Estadual do Patrimônio Regina.

alunos que vão e vêm, porque, às vezes o pai mora na no sítio para tomar conta, e aí ele acha que não está bom, aí ele vai para outro lugar, aí não dá certo e aí ele volta. Isso acontece muito. Por exemplo, tem alunos que foram ano passado e já voltaram e tem aqueles que moram no que são deles, mas não querem continuar, e tem aqueles que querem continuar porque está bom daquele jeito, é o negócio da família. Então é bem assim heterogêneo, depende muito de cada um. Tem aqueles alunos que trabalham constantemente mesmo, nós temos casos de alunos que faltam ao colégio porque precisam trabalhar. São aqueles que moram em fazendas, por exemplo, de café, que precisam trabalhar e você fica ali tentando resgatar e que o objetivo é tentar sobreviver mesmo, o pai e a mãe põem para trabalhar porque precisam, então, você fica ali tentando resgatar. Outro já tem ali uma situação melhor, então ele pode ir, ele conhece outras coisas, ele tem um celular, ele conhece outras coisas, ele tem um acesso, ele tem um celular, vai ao shopping com frequência. Agora esse um que já trabalha ali com o pai e mãe, às vezes ele passa até fome. Então é muito, muito misturado.

Sobre os planos para o futuro, quero concluir o livro (risos)! Também, que eles gostem de história, porque, se não fosse a história, eu mesma não seria professora, né, porque quando você coloca um objetivo, entende aquilo, ele se realiza, querendo ou não, e entender a história faz parte disso. Você entende o que aconteceu no passado, você pode melhorar, sem precisar sofrer e, muitas vezes, para eles é muito difícil compreender a história entendeu, então o objetivo principal seria fazer eles gostarem da história, entender como a história está neles e eles não conseguem visualizar isso.

4.4 Carmem Perez Dias Carlos

Entrevista realizada em 22 de maio de 2018.

O meu nome é Carmem Perez Dias Carlos. Nasci em Sorocaba⁶⁹, estado de São Paulo. Moro em Londrina⁷⁰. Sou professora há 24 anos e minha formação é em Ciências, Matemática e habilitação em Biologia. Minha vida acadêmica eu fiz no Cesulon, hoje é

⁶⁹ Município localizado no estado de São Paulo, a 472 km de Londrina.

⁷⁰ Município localizado na mesorregião Norte Central Paranaense, a 389 km da capital, Curitiba.

UniFil⁷¹. E uma universidade, na Unoeste⁷², em Presidente Prudente⁷³. Também fiz *Gestão Educacional*, na UniFil.

Os motivos da minha escolha? É o amor que eu tinha pelos meus professores quando criança, de ver lá o jeito das minhas professoras, como elas trabalhavam, como elas agiam, e por ter tias professoras também, essa foi a minha grande motivação por essa profissão.

Eu comecei a trabalhar em escolas particulares, primeiro. Aí, depois, fiz o concurso do município. E trabalho nessa região do Espírito Santo⁷⁴ há 24 anos. Aqui no Patrimônio Regina⁷⁵ eu estou desde 2004, quando eu assumi a direção. Era uma escola de madeira, multisseriada. E a comunidade se uniu e fez o pedido de uma construção de uma escola nova. E aí ergueu-se essa escola, que, na época, de 2004 a 2009, funcionou a Escola Municipal Egydio Terziotti. A escola funcionava de pré a oitava série, que hoje seria o nono ano. Não tinha Ensino Médio, então os alunos, para continuar o estudo, teriam que ir pra Londrina, ou estudar no Vicente⁷⁶ ou Anchieta⁷⁷ que eram as escolas mais próximas deles.

Em 2010, a escola estadualizou, pela necessidade também de ter o Ensino Médio, então a escola do Espírito Santo, a Luiz Marques⁷⁸, ela funciona do primeiro ano até o quinto ano, e aqui no Patrimônio Regina a escola funciona do sexto ao terceiro ano do Ensino Médio.

A escola foi inaugurada no dia 17 de fevereiro de 2004, com a presença da esposa do seu Egydio⁷⁹, com o prefeito Nedson Micheleti, na época, e também com o governador da época Roberto Requião, que vieram fazer a inauguração da escola.

Nós recebemos alguns materiais, mas ainda faltavam muitas coisas. Então nós fizemos um mutirão com os pais para poder colocar umas persianas nas salas, por causa da iluminação, dos alunos, e a escola funcionava do pré à oitava série. Tinha uns, na

⁷¹ Centro Universitário Filadélfia, com sede no município de Londrina.

⁷² Universidade do Oeste Paulista.

⁷³ Município localizado no estado de São Paulo, a 163 km de Londrina.

⁷⁴ Distrito do município de Londrina, fundado em 1964, localizado a 35 km da sede do município.

⁷⁵ Pertencente ao Distrito de Espírito Santo, do município de Londrina.

⁷⁶ Colégio Estadual Professor Vicente Rijo, no município de Londrina, localizado a 13,4 km do Colégio Estadual do Patrimônio Regina.

⁷⁷ Colégio Estadual José de Anchieta, no município de Londrina, localizado a 13 km do Colégio Estadual do Patrimônio Regina.

⁷⁸ Escola Municipal Luiz Marques Castelo, no Distrito de Espírito Santo, localizada a 4,6 km do Colégio Estadual do Patrimônio Regina.

⁷⁹ Egydio Terziotti.

época, professores de quinta a oitava do município, que o município oferecia isso. A maioria dos alunos vêm de zona rural, então tem transporte rural. Os professores vinham da cidade também e a escola era bastante dinâmica para aquele momento. Sempre tinham suas dificuldades, mas nós fazíamos festas, tinha uma PM⁸⁰ bastante participativa, os professores também eram bastante atuantes, ajudavam e auxiliavam. A comunidade gostava das festas que a escola promovia como um todo, porque, aqui, a gente quase não tem muita atividade, então é mais igreja, as festas da escola ou festas da comunidade mesmo. Então era uma coisa muito gostosa, a gente se sentia numa família mesmo, de estar participando disso.

A relação com os alunos era uma relação boa, em relação com a parte da comunidade, também. Aqui no Patrimônio, a gente aprende bastante coisas, o zelar, o cuidar, às vezes de hora de dar uma bronca, mas sempre procurando da melhor maneira possível. É lógico que, às vezes, nem todas entendem daquele momento, a suposição daquele momento de estar fazendo alguma coisa, mas, na medida do possível, nesses anos, de 2004 a 2009, nós procuramos trabalhar da melhor maneira possível, e daquilo que a gente dispunha no momento.

Em 2010, a escola foi estadualizada e, como eu trabalhava no município e no estado, no princípio eles me chamaram para poder montar a escola. Então eu digo que eu montei duas escolas, escola do município e depois o município retirou todos os equipamentos, que eram deles, cedeu o prédio para o estado e nós montamos a escola do Patrimônio Regina. Muitos materiais nós fomos buscar de uma escola que foi cessada lá dos Cinco Conjuntos⁸¹, então, fomos lá buscar os materiais para poder montar. Então é uma trajetória nova, de novo. Depois, passei por um processo de eleição e fiquei até fevereiro de 2016 no processo. Hoje trabalho como professora de Ciências, nas turmas de sexto ao nono ano, dou aula para os filhos de alunos meus que eu dei aula em 93, 94, lá no Espírito Santo. Então é bastante gratificante e também de ver o avanço e as melhorias que a escola obteve nesse período. Ela tem vários projetos, os professores são bastante engajados, os alunos gostam de estar na escola, de fazer as atividades, e de permanecer, o que é bastante importante, pois, muitas vezes, a gente não vê, né, a gente vê alunos fora da escola, aqui não, eles têm o prazer de vir para parte diversificada que

⁸⁰ Associação de Pais, Mestres e Funcionários (APMF).

⁸¹ Conjuntos habitacionais da Zona Norte do município de Londrina, conhecidos como “Cinco Conjuntos”.

a escola proporciona. Então as melhorias que foram feitas deixam a escola mais aconchegante, melhor para trabalhar, e isso é importante.

O Patrimônio recebeu esse nome porque tem um senhor, que era advogado e ganhou em pagamento umas terras da Fazenda Seara. E ele teve uma filha chamada Regina, e ele morava em Curitiba, e depois ele veio para cá, para poder tomar posse dessas terras, e a filha caçula dele se chamava Regina. Então, em 1943 mais ou menos, ele deu o nome de Regina, ficou Patrimônio Regina. Essa senhora é viva ainda, eu lembro que ela veio, não sei se em 2014, aqui na escola, nós fizemos um trabalho com os alunos e ela veio visitar o Patrimônio. Tem uma reportagem na Folha de Londrina disso. Muitos alunos achavam que ela era mais velha, então foi bastante interessante o trabalho feito, e ela ter vindo, né, para conhecer a escola, rever os amigos do Patrimônio.

A maioria das pessoas que moram no Patrimônio trabalha na cidade, alguns são agricultores, mas a grande maioria, trabalha no centro, no comércio. Mas é um lugar gostoso, onde você, às vezes, pode deixar o carro aberto, com a chave até lá dentro, que todo mundo cuida para você, ninguém mexe, as pessoas têm, assim, uma grande amizade e são bem recíprocas umas com as outras, elas se preocupam com o bem-estar. Acredito que tem grandes avanços, né. A tendência é sempre melhorar.

Por ser uma escola do campo, a grande dificuldade que a gente tem é a estrada, o dia que chove. Os transportes não conseguem circular, inclusive a gente tem alunos que vem de 12, 14 quilômetros. Tem as estradas cascalhadas que são boas, mas, com a safra que passa, elas vão se deteriorando. Então umas das grandes dificuldades da escola do campo é a manutenção das estradas, que é por parte da prefeitura, então isso traz dificuldades, porque, às vezes, você tem assim, uma semanas de provas, dias de provas, daí o aluno falta ou então, quando chove demais, esse transporte não consegue circular, então essa é uma dificuldade.

Quanto a recursos, na época da escola municipal, eles chegavam, mas, agora, da escola do estado, os recursos sempre são aquém daquilo que a gente realmente precisa, os gastos são grandes, sempre há necessidade de vários materiais, vários equipamentos. Então, assim, eu acho que essa parte da educação tinha que ser olhada, um pouco mais de carinho, para poder suprir os recursos necessários, para aquilo que a escola realmente precisa, para você poder dar uma boa bagagem, uma boa base, para que os professores possam trabalhar também, porque, às vezes, a gente se esbarra nessa parte de recursos. Nem toda hora você pode ficar comprando as coisas com dinheiro do seu bolso, então, às vezes, fica custoso, fica difícil.

Hoje, a escola tem vários projetos, e eu vejo os alunos bastante engajados, bastante satisfeitos, eles não veem o dia da realização. Tem o escoteiro⁸², então os alunos se encontram na sexta, então eles não veem o dia de chegar a sexta. Eles têm o espanhol. Outras atividades que eles desempenham, em parceria com a UEL⁸³. Então você vê que eles gostam de estar participando e eles gostam dos projetos que a escola está proporcionando.

Bom, eu espero que os alunos possam avançar na educação, que eles tenham um futuro mais promissor e melhor que o nosso. Em todos, em todos os sentidos, então o sentido de vida familiar, de família. Em profissão, em fazer aquilo que realmente lhe dá prazer e do que ele gosta, porque, quando você faz aquilo que você gosta, que você ama, a sua realização enquanto pessoa é o que conta. Muito mais do que qualquer outro, dinheiro. Então, assim, você poder transmitir para os outros aquele amor que você tem na profissão que você escolhe. E, hoje, que eu seja melhor que ontem, e que amanhã eu possa ser melhor do que eu fui hoje. Acho que seria isso.

A estrutura do Colégio Estadual do Patrimônio Regina foi construída pelo município, de quando eles construíram a Escola Municipal Egdio Terziotti. O estado e a prefeitura têm um convênio. Então ela é na Rua Mato Grosso, tem uma escola que era do estado e hoje é do município, então eles fazem essas trocas, essas parcerias. Então essa infraestrutura aqui, ela foi desenvolvida para os alunos do município, tanto que a escola, a quadra dela, você vê que ela não é um padrão né. É uma miniquadra poliesportiva. Se você for ali na escola do município, você vai ver que a quadra é maior. Então, o que eles aproveitaram o máximo que pôde, por isso que ela tem essas infraestruturas e aí a escola do estado com a escola “mini”, eles foram melhorando, então foi melhorando o banheiro, melhorando a quadra com sombrite, o bebedouro, aí a pintura interna e externa. Então sempre fazendo a melhoria, mas sempre, assim, nessas parcerias de projetos.

Sobre o prédio aqui ser cedido pelo município e a escola municipal ter ficado lá e a estadual aqui, eu sei a história mais ou menos... O núcleo original de Londrina estava

⁸² Referência à “instituição, tida como extra-escolar, do Escotismo, pela sua natureza, enquadra-se historicamente entre as instituições escolares destinadas a complementar a educação formal nos estabelecimentos de ensino, muito em voga no Brasil após o Estado Novo de 1937, com ênfase após a Redemocratização de 1946” (THOMÉ, 2006, p. 171).

⁸³ Universidade Estadual de Londrina.

entre a Escola Luiz Marques⁸⁴, e a Egydio Terziotti⁸⁵, para poder fazer a estadualização. Então eles foram e fizeram uma vistoria na escola Luiz Marques, e fizeram uma vistoria aqui na Egydio. A princípio, a escola a ser estadualizada seria lá, mas aí como tinham, acho que vários parques, alguns brinquedos, mais para as crianças de pré, aí eles decidiram. Também não sei dizer qual foi essa decisão que eles tomaram, mas, a princípio, eu sei que lá que seria estadualizado, mas de repente ele “re-reverteu” e ficou aqui.

4.5 Alcides Antônio de Oliveira

Entrevista realizada em 13 de outubro de 2017.

Sou Alcides Antônio de Oliveira, tenho 66 anos, trabalhei por 32 anos na escola Patrimônio Regina⁸⁶. Nasci em uma região próxima ao Distrito de São Luiz⁸⁷, chamada Água do Tigre⁸⁸. Quando o meu pai faleceu em 1962, mudei para São Luiz, onde morei por 11 anos. Comecei a trabalhar na prefeitura em julho de 72, e, em fevereiro de 73, mudei para o Patrimônio Regina⁸⁹, fazendo 44 anos em fevereiro de 2017 morando no local.

Quando me mudei para o Patrimônio Regina, a localidade era chamada de Três Bocas pela denominação do rio, o rio Três Bocas⁹⁰, as pessoas conheciam a comunidade como Três Bocas. Existia o nome “Regina”, só que muitas pessoas falavam Vila Regina, por ser um bairro próximo da cidade, mas na verdade era Patrimônio Regina. Em 1994, os vereadores fizeram um projeto e aconteceu um plebiscito para essa área que hoje é conhecida como Distrito do Espírito Santo⁹¹, e antes era chamada de Distrito Sede, por não ser um distrito com nome onde tinha o Patrimônio do Espírito Santo⁹² e o Patrimônio

⁸⁴ Escola Municipal Luiz Marques Castelo, no Distrito de Espírito Santo, localizada a 4,6 km do Colégio Estadual do Patrimônio Regina.

⁸⁵ Escola Municipal Egydio Terziotti, que estava localizada onde hoje é o Colégio Estadual do Patrimônio Regina.

⁸⁶ Referência a diversas escolas que existiram no local.

⁸⁷ Distrito do município de Londrina, fundado em 1955, localizado a 32 km da sede do município.

⁸⁸ Comunidade do Distrito de São Luiz.

⁸⁹ Pertencente ao Distrito de Espírito Santo, do município de Londrina.

⁹⁰ O rio Três Bocas tem sua nascente no município paranaense de Arapongas e passa pelo município de Londrina, desaguardo no rio Tibagi.

⁹¹ Distrito do município de Londrina, fundado em 1964, localizado a 35 km da sede do município.

⁹² Pertencente ao Distrito de Espírito Santo, do município de Londrina.

Regina, a divisa na época do Distrito Sede era no Rio Apertado⁹³, onde começava o Distrito de São Luiz. No plebiscito, colocaram a divisa do Distrito que seria criado do Rio Cafezal⁹⁴ ao Rio Apertado, com a PR 445⁹⁵ e, a Oeste, divisa com Arapongas⁹⁶.

Nesse plebiscito teve um fato interessante, pois, como eram dois patrimônios, o plebiscito verificou se as pessoas queriam que transformassem em distrito e qual seria a sede, e daí o Espírito Santo e o Patrimônio Regina seriam os concorrentes, tudo isso em 1994. O Patrimônio do Espírito Santo ganhou por cinco votos, então por isso hoje a região é denominada Distrito do Espírito Santo. E quando me mudei para o Distrito, foi exclusivamente para trabalhar na escola como professor junto com minha irmã, havia uma escolinha de madeira que foi demolida entre 90 e 98⁹⁷. Nessa escolinha de madeira, havia apenas duas salas e três turmas, não esqueço disso, pois faltava apenas um aluno para cem, nós tínhamos 99 alunos, isso sem transporte, os alunos se deslocavam a pé. Então, na região, em um raio de três quilômetros nas fazendas próximas onde não havia escolas, os alunos se deslocavam a pé e havia apenas três turmas, 99 alunos e trabalhava-se com séries, na época chamadas multisseriadas. A escola Patrimônio Regina era privilegiada pois havia apenas duas turmas, trabalhava-se primeira e segunda, terceira e quarta, no mesmo horário, na mesma sala com o mesmo professor.

Eu trabalhei por nove anos em uma fazenda chamada Fazenda Seara, em uma escolinha multisseriada. No entanto, havia quatro turmas, primeira, segunda, terceira e quarta no mesmo horário, no mesmo momento e trabalhávamos com todos. Era um serviço bem puxado, tinha que se desdobrar para dar conta. Não havia asfalto, inclusive, quando me mudei para o Distrito e comecei a trabalhar na prefeitura como professor, em 72 éramos chamados de professores leigos, pois não tínhamos o magistério, então não éramos formados e isso era comum. Na área rural, mais ou menos 99% dos professores eram leigos, mas foram se adaptando, estudando e hoje não existem mais professores leigos, hoje são todos formados. Houve uma nucleação onde acabou-se as escolas das fazendas, dos sítios e permaneceu só dos Distritos. No Distrito do Espírito Santo, trabalhei em sala de aula como professor “pó de giz”, de julho de 72 a julho de

⁹³ O ribeirão dos Apertados tem sua nascente no município paranaense de Arapongas e segue na direção leste até sua foz, no rio Tibagi, no município de Londrina.

⁹⁴ O ribeirão do Cafezal tem sua nascente no município paranaense de Rolândia e desagua no rio Três Bocas, no município de Londrina.

⁹⁵ Rodovia Celso Garcia Cid, que, no trecho da PR445, une o distrito de Warta, do município de Londrina, e o município de Mauá da Serra.

⁹⁶ Município localizado na mesorregião Norte Central Paranaense, a 35 km de Londrina.

⁹⁷ Escola Municipal Barão do Cerro Azul.

84. Então, a prefeitura me convidou para ser supervisor de ensino e, quando comecei, eu morava no Distrito e visitava escolas a 20 km, e verificávamos a necessidade do professor, as dificuldades, o que eles precisavam, orientando, de quinze em quinze dias mais ou menos, às vezes, de vinte em vinte dias ou um mês, dependendo da disponibilidade.

Com a nucleação, acabaram-se as escolinhas de fazendas e ficaram só as dos Distritos, no caso do Distrito do Espírito Santo ficaram duas escolas, a do Patrimônio Regina e a do Espírito Santo. Houve um trabalho entre a prefeitura e o estado, onde a escolinha municipal de madeira que existia foi derrubada, e o município construiu a escola que está no Patrimônio hoje. Em 94, inaugurou a escola que está no Patrimônio Regina e com essa inauguração de uma escola bonita, grande, com boas salas e poucos alunos, a prefeitura começou a trazer os alunos para o Distrito e pela necessidade deveria haver o Ensino Médio, nesse caso a prefeitura fez um contrato com a nova escola passando a escola que estava no Patrimônio Regina para o Espírito Santo. No Espírito Santo, atende-se de pré à quinta série e, na Escola do Patrimônio Regina, atende-se do sexto ano – como se diz agora – até o terceiro ano do Ensino Médio, sendo a escola estadual do Patrimônio Regina. O mais interessante é que, quando eu me mudei para o Distrito do Espírito Santo, a localidade era toda de estrada de terra, para estudar o carro particular nos buscava e, quando chovia, atolavam na estrada de barro e nós empurrávamos o ônibus. Enfim, era um grande sofrimento, mas conseguimos, eu e a minha irmã fizemos o Ensino Médio na cidade, fizemos magistério e, depois, para completar, um curso que dava suporte para trabalhar pedagogia, então iniciamos como professores leigos e nos aposentamos como pedagogos.

Então, é uma história de trinta anos, mas a história do Patrimônio Regina é interessante. O nome “Regina” foi dado a essa localidade, pois antigamente toda essa região, de mais ou menos oitocentos mil alqueires, era de uma família só, da família Camargo Veiga Bernardo, eu me lembro que havia até um político de sobrenome Camargo. Então, as pessoas começaram a chegar no Patrimônio e eles começaram a vender sítios, dez alqueires para um, cinco para outro, mas reservaram quatro alqueires que seria para a localidade, e daí o lugar ficou chamado de Patrimônio Regina, homenagem a uma filha do ex-fazendeiro que já é falecido, mas a filha dele ainda é viva temos contato com ela, ela mora aqui na cidade, de vez em quando ela vem aqui fazer uma visitinha no patrimônio aonde a homenageada é ela como o nome do Patrimônio com o mesmo nome que ela.

Acho interessante ressaltar que, quando comecei a trabalhar na supervisão em 1984, havia os professores das fazendas por perto, já havia professores formados, com magistério, mas, nas escolinhas rurais, eram todas professoras leigos, quer dizer, havia professoras que tinham só a quarta série e mesmo assim estavam ensinando o alfabeto para as crianças e era uma coisa interessante e que me marcou muito, porque os professores leigos eram muito mais comprometidos, talvez por não terem tanta formação.

Quando nós passávamos pelas escolas, já possuíamos orientação da prefeitura, da Secretaria de Educação e o que pegávamos na Secretaria de Educação passávamos para os professores, como trabalhar com alfabetização, chegávamos lá em uma escolinha e passávamos para o professor “olha eu trouxe aqui uma apostila de como você vai trabalhar aqui, por exemplo, o beabá do dia a dia, como você vai trabalhar isso com a criança e tal”. Após quinze ou vinte dias, passávamos novamente com aquele professor que estava fazendo exatamente aquilo que pedíamos para fazer, então realmente era uma coisa satisfatória, porque víamos que o nosso trabalho estava dando resultado e as crianças realmente conseguiam assimilar o conteúdo e eram alunos aplicadíssimos e obedientes! No meu tempo de escola primária, quando os professores entravam em sala, todo mundo se levantava, então as escolinhas rurais eram nesse estilo ainda. Quando chegávamos na sala, colocava o pé na porta e falava bom dia, todo mundo se levantava e não sentava enquanto não falávamos para eles “olha, podem sentar”.

Quando eu visitava escolas, normalmente levava um conteúdo qualquer do que seria o mês ou da semana e levava em folhinhas passando para os alunos para trabalharem, ficavam felizes com isso e eu ficava muito mais feliz por ver o resultado que estava dando aquele trabalho que nós estávamos fazendo. Era um trabalho muito gostoso, depois quando passou a ser a escola nucleada, que vieram todos alunos para o Patrimônio aí mudou, por que os professores já estavam ali, tinham uma salinha chamada sala de supervisão, onde trabalhávamos e tínhamos contato diário com os alunos e com os professores, então ficou um trabalho mais fácil, em contrapartida, parece que os professores não tinham muito compromisso, os professores na escolinha sozinhos eram muito mais compromissados do que o professor de um modo geral. Lógico que não posso generalizar, mais tinha essa dificuldade em fazer o professor entender que deveria trabalhar daquela forma com o aluno. Até mesmo os alunos antes dessas escolinhas isoladas, que era chamada escola isolada, eram muito mais receptíveis, aceitava muito mais as informações, atendiam muito mais o pedido do professor, do que tinham que fazer e, depois, vindo para o distrito, parece que não davam muito valor.

Hoje, o aluno tem na escola uma ótima refeição, tem transporte que pega o aluno na porta da sua casa, mesmo assim parece que eles não valorizam isso, pelo menos, nos dez anos que eu saí da escola e moro em frente a ela, vejo o movimento, e faço parte do conselho da escola, que a diretora me convidou, para fazer parte do conselho. De vez em quando, ela me chama pra uma reunião, uma coisa ou outra, então nós ainda acompanhamos mais ou menos e parece que falta alguma coisa, algum interesse, não é aquele aluno que fala “nossa eu tenho isso, deixa eu aproveitar o que eu tenho”, só que eles não aproveitam muito as coisas, para eles parece que é uma coisa que não tem valor, “tô indo lá porque meu pai quer que eu vá, minha mãe quer que eu vá, mas por mim não iria”. Quer dizer, ele acha que ir para a escola não é nada para ele, que está indo para fazer um favor aos professores. O aluno deixa transparecer essa impressão, que realmente a escola é uma coisa que ele vai por ir e não é um benefício para ele. Mas, em relação ao Patrimônio, observamos que os professores que estão aí hoje são professores muito compromissados com o ensino, realmente percebemos que eles estão fazendo um trabalho excelente, trabalham muito bem, trabalham realmente com garra e com vontade. No Patrimônio, mora apenas uma professora, os demais são todos da cidade. No meu tempo, a maioria, quase noventa por cento, dos professores era do Patrimônio ou dos sítios por perto, poucos vinham de fora, mas, desses, a maioria já se aposentou. Agora os professores vêm todos da cidade, pode-se dizer que cem por cento, porque só uma professora mora no Distrito.

O plebiscito foi tranquilo, mas houve uma rivalidade, é claro, os moradores do Patrimônio Regina queriam ser a sede e, no Patrimônio do Espírito Santo, queriam que lá fosse a sede, houve uma certa rivalidade, mas nada sério, ocorreu normalmente, houve a votação, a contagem de votos, o Patrimônio Regina perdeu por cinco votos, então, aceitamos tranquilamente. No Patrimônio Regina, houve um período em que, quando estava sendo construído, era atendido todo o Espírito Santo, então eu fui para lá e trabalhei também na escola do Espírito Santo, mas trabalhei trinta e dois anos no Patrimônio Regina.

Eu não estou na escola, mas, fora, o que percebemos é que o desenvolvimento e o crescimento da escola diz respeito às pessoas que estão trabalhando na escola, a dedicação do professor, principalmente da equipe pedagógica, que na escola sabe-se que a equipe pedagógica é que realmente leva a escola para frente, a direção, tendo uma pessoa comprometida com a escola, com a localidade, com os alunos, para que os alunos possam ver o interesse da direção, o interesse da equipe pedagógica, que eles também

possam ter interesse para melhorar, como está surgindo alunos excelentes. Eu acredito que é a equipe de trabalho da escola que faz com que a escola cresça.

Ainda existe o centro de eventos⁹⁸ de um dos parentes de Regina, o centro de eventos do Paulo Bernardo, que é neto do dono das terras da localidade, mas a maioria deles está em Curitiba, em Londrina ainda tem família do antigo proprietário do Patrimônio Regina. No entanto, o Patrimônio não desenvolveu, tenho até um mapa para mostrar. Em 1951, eles fizeram um loteamento na área, que é quatro alqueires deixado para o Patrimônio. Foi feito um mapa, mas eles não venderam as datas, então, como eles não venderam, caducou aquela divisão que foi feita e virou o Patrimônio. Só tem a igreja lá em cima dentro do Patrimônio, que era para ser do Patrimônio. A igreja, está sozinha, pois, era área do Patrimônio e os moradores conversaram com o proprietário “bom, já que aqui vai ser o patrimônio então vamos fazer a igreja do Patrimônio, né o lugar certo, aproveitei as casas em volta, então...”, fizeram a igreja, mas ele não vendeu as datas. E aconteceu que, hoje, a igreja está lá sozinha no meio da roça, inclusive tinha trigo, trigo plantado em volta, já foi colhido, mas tinha! Os proprietários dos sítios vizinhos, que eram as famílias Terziotti e família Bianchi, ligados aqui, venderam um pedaço para um, fizeram uma venda, venderam um pedaço para o outro, fizeram outra venda, onde eu moro hoje era uma farmácia, a escola está num terreno divisa da família Terziotti com a família Bianchi, divisa da propriedade da família Bianchi-Terziotti foi feita a escola, e o Bianchi cedeu um pedaço e Terziotti cedeu outro pedaço, e daí surgiu o Patrimônio.

No começo estavam mexendo com terreno da igreja, que não é registrado, não tem documentação, o proprietário está criando uma série de dificuldades, “vamos para o IPPUL⁹⁹ para ver como é que é, e tal”. O IPPUL colocou que o perímetro urbano do Patrimônio Regina vai ser da rodovia para lá, então da rodovia para cá, onde era o Patrimônio, não vai ser Patrimônio, vai ser rural, pois se desenvolveu mais nos sítios, porque, como os proprietários não venderam as datas, acabou o Patrimônio lá e, como foram vendidos pedaços de terra para fazer venda, escola e assim por diante, o Patrimônio vai ser lá. Inclusive, a minha chácara está para o lado de cá, então vai estar na área rural e lá vai ser o perímetro urbano, no entanto ele falou lá no IPPUL, “só que eu pago IPTU¹⁰⁰, né... como é que é rural, como é que é rural e vai pagar IPTU?”. Então, eles alegaram que, como tem energia e água pública, tem que pagar IPTU.

⁹⁸ Centro de Eventos de Londrina, localizado a 6,5 km do Colégio Estadual do Patrimônio Regina.

⁹⁹ Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina.

¹⁰⁰ Imposto Predial e Territorial Urbano.

Um fato interessante é que eu nasci nessa região, sou nascido em Londrina, mas morei em São Luiz por onze anos, morei em São Luiz de 62 a 73 e foi quando me mudei para o Patrimônio, quando me mudei estava com 21 anos de idade, então, na juventude, adolescência, uns 15, 16, 17, 18 anos, eu passava muito no Patrimônio, e quando passava achava esse lugar “o lugarzinho feio!” (risos), pelo fato de ser fundo. A estrada era de terra e pedra, então eu passava e achava uma coisa tão feia, “mas que lugarzinho feio”, pois, São Luiz é um lugar bem alto e eu morava lá, então passava e achava um lugarzinho feio, com casinhas velhas feias, mas depois que mudei, agora não saio mais do Patrimônio! Gosto e me dou bem com a comunidade, casei com uma pessoa da localidade.

Na verdade, quando vim para o Patrimônio Regina tinham 99 alunos na escola, por causa da agricultura. Na época, tudo era café e, com a geada de 75¹⁰¹ que devastou os cafezais, a maioria das pessoas foi para a cidade, então diminuiu. Na verdade, pensando em como o Patrimônio Regina surgiu, houve algumas melhorias, mas também houve perdas. Por exemplo, como já falei, havia uma farmácia e hoje não há mais farmácia, também havia um açougue, hoje não tem mais açougue. Então houver perdas, mas também houver ganhos, por exemplo, tem uma escola, hoje com Ensino Médio, uma escola bonita, um posto de saúde amplo. Então, não podemos dizer que ele diminuiu, mas também não cresceu. Porque a dificuldade na região, também, para poder prosperar é em matéria de não ter terreno disponível. Porque, se nós pensarmos bem, o Patrimônio Regina tem um proprietário que faz um L, ele tem uma propriedade que faz divisa com o Patrimônio Regina, então praticamente ele cerca o Patrimônio. E tem esse que é o antigo dono, parente da dona Regina, também faz parte e ninguém vende terreno. Para fazer aquele posto¹⁰², tinha um postinho pequeno, a prefeitura tinha verba e queria ampliar, fazer um posto melhor, mas não tinha terreno, não conseguia terreno. Foi muito difícil conseguir com o proprietário um pedaço de terreno, de terra, para fazer o posto, mas não foi doado e nem vendido, eles só cederam uma parte para fazer o posto como permuta, a prefeitura deu terreno para ele na cidade, não sei se o tamanho é igual, mas ele só cedeu porque a prefeitura arrumou um terreno para ele na cidade, se não ele não cedia. Por exemplo, se falar “ah, eu quero morar no Patrimônio Regina, vou fazer uma casa lá”, não consegue. Ninguém vende terreno na localidade. Vende-se chácaras por

¹⁰¹ Em 1975, uma forte geada destruiu os cafezais de toda a região.

¹⁰² Unidade Básica de Saúde.

fora, mas para crescer o perímetro urbano ninguém vende, então é difícil. As pessoas que já estão no local são todas donas de propriedades vendidas na década de setenta, sessenta, coisa muito antiga.

Antigamente, as pessoas não tinham tanto apego à terra, antigamente, se você quisesse fazer uma escola e chegasse em qualquer local, havia duas, três, quatro, cinco pessoas que já doavam o terreno, “não, pode fazer aqui ó”. Hoje não. Hoje, falar em fazer qualquer coisa na terra de alguém é aquela briga. Então, as pessoas hoje são muito apegadas. Essas casas que têm aqui são sítios, que por acaso a minha esposa é Terziotti. Então, essa casa era do pai dela, foi o pai dela quem cedeu. Mas o pai dela vendeu datas para as pessoas fazerem as vendas. Outra situação também que complica é a matéria de documentação que, como não é um perímetro urbano, então não sai documento, que na área rural, para sair documento, sair escritura registrada, é no mínimo vinte mil metros, essa é a menor área para sair documento. Então, qualquer área que for vendida abaixo disso, eles fazem um chamado contrato de gaveta. Mas não é uma escritura que é reconhecida, se o herdeiro vier e bater o pé, ele ganha de volta. Então é complicado na região.

Também não tem uma perspectiva de amanhã ou depois ter mais vinte ou trinta famílias na localidade. Vai ficar do jeito que é, a não ser que alguém, algum vizinho que tenha sítio diga “não, eu vou lotear isso aqui e vou...”. Mas é muito difícil, muito! Sempre conversamos na comunidade pensando nisso, a região não tem como prosperar, não vai aumentar nunca, pois não há espaço. As pessoas que são donas não abrem mão. O transporte busca alunos num raio de 20 km, busca aluno até no Catuaí¹⁰³. Algumas pessoas que moram em chácaras, o ônibus vira na rotatória, a última rotatória para trazer aluno para a escola, os alunos da região do Patrimônio Regina, de pré ao quinto vão para o Espírito Santo, os alunos de sexta série ao terceiro do Ensino Médio, lá do Espírito Santo, vêm para o Regina, então é trocado. É trocado lá o transporte, o mesmo transporte que leva de pré ao quinto traz o de sexto a terceiro ano.

Não me lembro ao certo, mas o Distrito do Espírito Santo que é quase 70 km², da BR 445 divide Araçongas, do Cafezal até o Apertado, que da localidade até o Apertado são 12 km, sendo o terceiro maior distrito de Londrina¹⁰⁴, o Distrito do Espírito Santo. Na verdade, passou a ser distrito em 94, já que antes era chamado de Distrito Sede,

¹⁰³ Shopping Catuaí Londrina, localizado a 9,9 km do Colégio Estadual do Patrimônio Regina.

¹⁰⁴ O maior distrito de Londrina é o Distrito de Lerroville, com 298 km², seguido do Distrito de Paiquerê, com 211 km², e do Distrito de Espírito Santo, com 184 km² (LONDRINA, 2013).

então, na escola do Patrimônio Regina, quando eu trabalhava na escolinha de madeira, o endereço era Distrito Sede.

Outra particularidade também, que agora pode-se dizer que está mudando mais, essa é uma região de muito parentesco, que, na verdade, teria aí cinco ou seis famílias tradicionais, aquelas primeiras que chegaram na região. Foram casando entre si, então, dependendo do lugar, se você falar mal de um, você está falando mal de todo mundo, pois é casado com a prima, que é casado com a sobrinha do outro, então misturou todas as famílias, direta e indiretamente são parentes. Acho gozado, pois se reúne às vezes uma turminha e começa a falar “ah, não. Você é casado com a minha prima”, “ah, você é casado com a minha sobrinha”, “ah, porque você é tio do outro”, “ah, porque...”. São todos interligados, sendo algo interessante. Eu não, eu sou de fora, então só tenho a minha irmã que mora na região também, chamada Lilita, que também é professora pedagoga aposentada, nós viemos de fora, mas a maioria é de pessoas da localidade.

Na época do café, em 75, foi quando aconteceu a geada, onde as famílias tradicionais fugiram, foram todas para a cidade, pois não dava mais para trabalhar na roça. A região está quase voltando às antigas grandes fazendas! Com um detalhe, que antigamente nas grandes fazendas, o fazendeiro era o proprietário. Hoje não, uma família planta cerca de 150 a 200 alqueires e não pertence a ela, mas virou uma grande fazenda, porque é ele que comanda tudo, mas são os pequenos proprietários de cinco, dez, quinze alqueires arrendado. Não são proprietários, mas ele que domina, porque, pelo fato de a agricultura hoje ser toda na base de maquinários, para a pessoa realmente trabalhar na terra para valer a pena, ele tem que ter no mínimo três tratores, plantadeira, colheitadeira, caminhão, maquinário para passar veneno, enfim, tem que ter muito maquinário. E você não vai ter tudo isso para trabalhar em 20 alqueires de terra, então os pequenos proprietários estão abrindo mão de plantar e passa para outro que tem maquinário para plantar. Na verdade, na região próxima do Patrimônio Regina, tem três famílias que plantam em toda essa região. É toda região de cinco, dez alqueires, mas o dono passa para outro. Então, um planta 150, 200 até 300 alqueires de plantação, porque, na época do café, era ao contrário. Por exemplo, um sítio de cinco alqueires de café tinha no mínimo três famílias em sítio ou não tocava a plantação de café, porque é muita mão de obra necessária, o café exige serviço braçal, manual mesmo. Em um sítio pequeno de cinco alqueires, havia pelo menos três famílias então, normalmente eram o proprietário e dois colonos, dois parceiros, dois funcionários, duas famílias. O padre da localidade às vezes brinca com isso, quando chegava alguém “ah, eu estou procurando

o sítio para morar e tal...” “Quantas enxadas na tua casa?” “Quantas enxadas” significa quantas pessoas na família trabalham. Então, contava ele a mulher, e dois filhos, então somos quatro enxadas, já era bom para o dono do sítio. Ele contratava para trabalhar como parceiro, normalmente eram três famílias num sítio de cinco alqueires, dez alqueires para seis famílias ou cinco famílias, dependendo do tamanho, pois antigamente uma família tinha muitos filhos. A minha esposa, por exemplo, eles são em onze irmãos, então uma família com onze irmãos no sítio, normalmente são doze enxadas. A família minha eram apenas seis.

Na época do café, havia uma fazenda chamada Santa Helena, tinha mais de duzentos funcionários para conseguir tocar a fazenda, que era muito grande. Hoje, uma pessoa com os maquinários consegue fazer o trabalho de cem homens. Após a chamada geada negra, tudo mudou muito na zona rural, pois a geada normal é aquela que traz o frio, o orvalho que congela mata as plantinhas, mas é algo comum, e a chamada geada negra não, traz o vento e não sobra nada. Eu já morava no Patrimônio Regina em 75, mudei em 73, e me lembro que foi em julho, não lembro exatamente se foi 11 de julho ou 12 de julho, mas foi em julho que aconteceu a geada em 75 e, de manhã, quando por volta das nove e meia, dez horas da manhã, sentia-se o cheiro forte de folha queimada e, olhando assim, estava tudo queimado, não sobrou nada, foi um fenômeno da natureza fora de série, o que era de verde queimou tudo.

E então os agricultores perderam a esperança, a tarefa passou a ser arrancar café, para poder plantar o milho, soja, trigo. E, então, diminuiu drasticamente a população, havia a farmácia, açougue, mas, após esse acontecimento, mudou tudo, o local possui duas vendas apenas, chamado de boteco, onde vende da pinga até o leite em caixinha (risos). As vendas atendem quem passar pelo local, mas a maioria das pessoas do Distrito vai ao mercado na cidade, que está próxima. Eu, por exemplo, não compro os produtos alimentícios aqui, pois é muito mais caro que na cidade. Então, o dia em que precisa ir à cidade, fazemos compras, minha esposa trabalha na cidade e passa no mercado antes de voltar para casa trazendo as compras. Nesse caso, a venda atende apenas as necessidades básicas em finais de semana.

Mas, em relação à escola, o Patrimônio Regina está ficando mais conhecido por ter uma Escola 1000¹⁰⁵, um projeto do governo de Escolas 1000. Então, está sendo muito

¹⁰⁵ Programa Escola 1000, da Secretaria de Estado de Educação, do governo do Paraná, que propõe um investimento de R\$100.000,00, para serviços de engenharia visando reparos e reformas em 1000 escolas estaduais.

divulgada, inclusive a diretora estava falando que tem pessoas do condomínio próximo¹⁰⁶ que deixou de matricular os filhos em escola particular para estudar no Patrimônio, em primeiro lugar pela situação que está difícil para todos, mas principalmente pela divulgação que está acontecendo da escola. Também, tem alunos que vêm de São Luiz para cá. Então, aquele pai que é mais preocupado com o filho tenta fazer esse estudo se tem escola que atende melhor que está mais divulgada, e aqui está acontecendo muito isso com a escolinha do Patrimônio Regina. E, de vez em quando, sai uma reportagem de uma escola dessa, divulgando, alguns não ligam para isso, mas outros observam a divulgação, o que está acontecendo, se vale a pena e é o que está acontecendo com a escola. E, graças à nova diretora, a Lauriane, que é uma pessoa muito atenciosa e muito legal.

¹⁰⁶ Na área limite da sede do município de Londrina, vizinha ao Distrito de Espírito Santo, foram construídos diversos condomínios horizontais, sendo a maioria deles de alto custo.

5 UMA HISTÓRIA SOBRE O COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA: PERSPECTIVAS DE UMA REALIDADE

Uma escola pública no estado do Paraná, localizada na zona rural do município de Londrina, com taxa de evasão escolar próxima a zero há alguns anos, profissionais comprometidos com seu trabalho e com a educação dos estudantes, uma boa infraestrutura, capaz de atender grande parte das necessidades de seu público, e recursos para investimentos em projetos. Apresento, aqui, uma história construída, sobre o Colégio Estadual do Patrimônio Regina, a partir de cinco perspectivas, obtidas por meio de entrevistas utilizando a História Oral como metodologia, e da convivência com a escola, com suas práticas e seus projetos, durante a realização do estágio supervisionado.

O município de Londrina, no norte do estado do Paraná, foi fundado em 1934 e foi marcado pelo cultivo do café, até meados da década de 1970. Atualmente, além da sede do município, há oito distritos cercando a cidade: Warta, Espírito Santo, Irerê, Maravilha, Paiquerê, Guaravera e Lerroville. Basicamente, esses distritos constituem a zona rural de Londrina.

Esta história se passa no Distrito de Espírito Santo, constituído por duas áreas, denominadas Patrimônio do Espírito Santo e Patrimônio Regina.

O Patrimônio Regina, onde está localizada a escola, tem esse nome por uma homenagem feita a Regina Helena Carneiro, filha do fazendeiro e advogado Arnaldo Alves de Camargo, dono de grande parte das terras que hoje formam o Patrimônio. Após a posse dessas terras, a família mudou-se para o interior por volta dos anos 1940, inaugurando a Fazenda Seara, que reunia em torno de si cerca de 60 famílias. Antes disso, o local se chamava Três Bocas, em referência ao rio Três Bocas, que passa ali por perto.

O desenvolvimento do vilarejo deu-se com as famílias que foram para aquela região para plantar café. Em 1975, com uma geada que destruiu os cafezais de toda a região, muitas pessoas que ali viviam migraram para a cidade, fazendo com que essa população diminuísse drasticamente. Comércio que existiam no Patrimônio Regina, como açougue e farmácia, já não existem mais; há basicamente apenas dois comércios, chamados de “boteco” pelos moradores.

A geada fez com que aqueles que plantavam café retirassem o que havia sobrado, para poder plantar milho, soja e trigo posteriormente. À época, a maioria das terras pertencia a poucas famílias, constituindo grandes fazendas, como a Fazenda Seara e a Fazenda Santa Helena. Atualmente, há diversas pequenas propriedades na região, mas os agricultores frequentemente arrendam suas terras para os grandes proprietários, que

possuem maquinário, como tratores, plantadeira, colheitadeira, caminhão, pois não têm condições econômicas para investir na agricultura e sobreviver a partir dela. Assim, a agricultura na região próxima ao Patrimônio Regina é comandada por três famílias de grandes proprietários, que produz em toda essa área.

A diminuição da população e a dificuldade no desenvolvimento local se dão, também, por uma dificuldade na compra e na venda de terrenos. Por ser considerada uma área rural, há uma dimensão mínima do terreno para que ele possa ser comercializado – o módulo rural. Desse modo, caso alguém queira se mudar para o local, há apenas a opção de comprar terrenos que tenham pelo menos essa dimensão – o que inviabiliza a compra para aqueles que desejam abrir um comércio ou para moradia apenas.

No ano de 1994, foi realizado um plebiscito para definir qual seria o nome do novo distrito formado pela união do Patrimônio do Espírito Santo e do Patrimônio Regina – que poderia ser “Espírito Santo” ou “Regina”, ficando a decisão a ser tomada pela população. Por uma diferença de cinco votos, ganhou a primeira opção. Em 20 de julho de 1994, por meio da Lei Municipal nº 5842, foi oficialmente criado o Distrito de Espírito Santo. Ele está delimitado pelo ribeirão Cafezal, pelo ribeirão dos Apertados, pela rodovia estadual PR 445 e pelo município de Araongas.

O Colégio Estadual do Patrimônio Regina é uma escola pertencente ao município de Londrina, que atende a comunidade rural em um raio de até 15 km da escola. Esse colégio foi fundado no ano de 2010, mas sua história vem de muito antes.

No ano de 1948, no endereço em que hoje é o Colégio Estadual do Patrimônio Regina – na Rodovia Mábio Gonçalves Palhano, 377, Patrimônio Regina, zona sul do Município de Londrina, Estado do Paraná – foi criada a Escola Municipal Barão do Cerro Azul, a partir da doação de terras das famílias Bianchi e Terziotti para o município de Londrina.

Ela era toda em madeira, em uma época que se trabalhavam com turmas multisseriadas, em que alunos de séries e idades diferentes estudavam em uma mesma sala de aula. Os profissionais dependiam do trabalho do supervisor de ensino, profissionais formados que auxiliavam os professores leigos com orientações sobre como ministrar os conteúdos e desenvolver os materiais. Nessa época, a escola possuía duas salas e três turmas, num total de 99 alunos, não havia transportes escolares e, por essa razão, os alunos deslocavam-se a pé num raio de até 3 km.

Em meados dos anos 1990, esse prédio de madeira foi demolido para a construção de uma nova escola, agora de alvenaria, pelo município: a Escola Municipal Egydio Terziotti, inaugurado apenas no ano de 2004 – no mesmo endereço.

Sua estrutura foi cedida pela prefeitura para o governo do estado do Paraná, a fim de atender alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Assim sendo, os alunos do Patrimônio Regina que cursavam Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental foram remanejados para o Patrimônio do Espírito Santo, para uma escola municipal que foi lá construída, e os alunos do Patrimônio do Espírito Santo dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio foram estudar no Patrimônio Regina.

Então, no ano de 2010, o prédio da Escola Municipal Egydio Terziotti tornou-se o Colégio Estadual do Patrimônio Regina, que atende, desde então, à população local e aos moradores de regiões próximas ao Distrito de Espírito Santo, em sua maioria filhos de pequenos proprietários de terra, como também de empregados de grandes propriedades.

De acordo com relatos, quando a escola era municipal, havia mais investimentos se comparado com os investimentos posteriores, para a escola estadual.

A estrutura escolar é composta por cinco salas de aulas, laboratório de informática, laboratório de ciências (em fase de implantação), uma biblioteca escolar, sala da equipe pedagógica, sala da direção, secretaria, almoxarifado, sala dos professores, quadra de esportes, cozinha, depósito para material de limpeza, refeitório, depósito para alimentos, banheiro para professores e funcionários e banheiros para os alunos.

Muitas vezes, essa estrutura, assim como os equipamentos tecnológicos que a escola possui, necessita de aprimoramento, e, na ausência de recursos governamentais, os funcionários se mobilizam para driblar o problema – como foi o caso da cobertura colocada sobre a quadra, feita pela comunidade escolar, tornando o local adequado para a realização de aulas e atividades escolares.

Ainda, por ser uma escola em área rural e de pequeno porte, não recebe os primeiros investimentos da Secretaria de Estado de Educação, que costumam ser feitos em escolas urbanas e com muitos alunos.

Uma dificuldade enfrentada pelos estudantes é o acesso à escola em dias de chuva, pois, apesar de estar em uma rua asfaltada, no entorno há diversas estradas de terra ou de cascalho – que, com o constante passar de caminhões, acaba se deteriorando.

Diferentemente de muitas escolas do campo, que enfrentam ainda maiores dificuldades em relação ao transporte público, às péssimas condições de acesso pelas estradas rurais, à ausência frequente de profissionais, às estruturas precárias e à falta de recurso financeiros, o Colégio Estadual do Patrimônio Regina está em situação diferente.

A proximidade da escola com a zona urbana de Londrina, 15 km de estrada asfaltada, pode ser atribuída como uma das explicações para essa diferença. Além disso, na área urbana próxima há o maior e mais antigo shopping de Londrina e bairros residenciais das classes mais altas da cidade, com diversos condomínios horizontais, sendo a maioria deles de alto custo.

Com relação aos professores, por exemplo, apesar de a grande maioria residir na sede do município de Londrina – diferentemente da época em que havia professores nos sítios de toda redondeza da escola –, há pouca rotatividade. Uma das razões é que poucos professores ali são contratados em caráter temporário; a maior parte é de professores concursados. A única dificuldade nesse sentido é que alguns professores não conseguem ministrar aulas apenas no colégio, pelo número limitado de aulas, e precisam ir para atribuição em outras escolas também.

A escola é uma das participantes do Programa Escola 1000, da Secretaria de Estado de Educação, do governo do Paraná, que propõe um investimento de R\$100.000,00, para serviços de engenharia visando reparos e reformas em 1000 escolas estaduais.

No ano de 2016, a escola apareceu um ranking elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), feito a partir das notas obtidas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2015. O Colégio Estadual do Patrimônio Regina obteve média geral de 540,64 nas cinco áreas de conhecimento do ENEM (Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Redação), classificando-se em 10º entre todas as escolas públicas de pequeno porte do país (com 1 a 30 estudantes matriculados no 3º ano do Ensino Médio), com indicador de permanência elevado (ou seja, 80% ou mais dos alunos participantes cursaram todo o Ensino Médio na escola) e com indicador de nível socioeconômico médio alto.

O fato de ter turmas pequenas e haver uma proximidade grande com as famílias dos estudantes é apontado como um diferencial para o desenvolvimento e para os resultados obtidos pela escola.

Há uma tentativa, também, de valorização da identidade rural pelos professores e pela equipe pedagógica, por meio de projetos.

Um deles é a horta escolar, coordenada atualmente por um professor, que possibilita a produção de hortaliças para serem utilizadas na elaboração da merenda escolar e, também, auxilia os alunos na conscientização do relacionamento com o meio ambiente.

O espaço disponível para esse projeto é pequeno. A horta é cultivada durante todo o ano, são preparados os canteiros, os alunos plantam, separam os tipos de verdura, depois colhem, fazem as medições, tabulação e aí levam parte das verduras para casa. Antes disso, são realizadas atividades pedagógicas pelos professores a partir do que foi ali desenvolvido.

Outro projeto é o grupo de escoteiros, ativo no colégio, que envolve os alunos em atividades, como excursões, além da conscientização da relação deles com o campo. Todas as sextas-feiras pela manhã, o grupo de escoteiros – com 17 membros, atualmente – reúne-se para suas atividades no pátio do colégio. A proposta é desenvolver uma consciência social e ecológica dos alunos voluntários, valorizando a importância do trabalho em equipe e a compressão da relação entre homem e natureza.

Também há projetos desenvolvidos pelo grêmio estudantil, que, embora muito jovem, pois foi fundado em 2015, é bastante ativo. Um deles é a Caminhada Rústica do Patrimônio Regina, que teve a primeira edição no ano de 2017, onde, em uma manhã, toda a comunidade escolar vai a pé até o Parque Estadual Mata dos Godoy, que está a 3,8 km de distância da escola. Trata-se de uma reserva natural de mata nativa – uma das poucas restantes do norte do Paraná. Nessa atividade ecológica, a comunidade é convidada a caminhar, fazer um piquenique, descansar, fazer um roteiro ecológico no parque e, ao final, assistir a uma palestra.

A escola tem uma parceria com o Grupo de Estudos Avançados sobre o Meio Ambiente (GEAMA), da UEL, e com a ONG MAE, criando o coletivo de estudantes “Regina Verde”. Nesse contexto, são abordadas questões socioambientais, por meio de dinâmicas, oficinas, trabalhos de campo, apresentações. Como resultado da parceria, houve a criação de um almanaque, em 2017: Carta da Terra da Escola.

Foi desenvolvido, também, um projeto, coordenado pela professora de história, com o uso da História Oral. O objetivo inicial era desenvolver com os estudantes um livro sobre a história do Patrimônio Regina. Foram realizadas entrevistas para conhecer como era a vida por ali nas décadas passadas. Uma dificuldade encontrada pela professora foi dar continuidade nas atividades com os estudantes do 3º ano do Ensino Médio, pois eles estão, nessa fase, mais interessados nos vestibulares e no ingresso no Ensino Superior.

Os estudantes, de um modo geral, parecem se identificar ora com o urbano, ora com o rural. Individualmente, há também uma separação entre aqueles que acessam tecnologias, possuem smartphones, frequentam shoppings e outros que estão distantes dessas tecnologias, moram em sítios e fazendas e trabalham com os familiares nas plantações.

A escola também se vê diante dessa sutil linha que divide o urbano do rural: há uma tentativa de valorização da identidade rural dos estudantes por meio de projetos, mas, também, uma preocupação da escola em possibilitar que aqueles que desejam migrar para a zona urbana estejam preparados para isso, com conhecimentos tecnológicos, por exemplo. Os professores relatam, nesse sentido, que muitos estudantes não se consideram “do campo”, por estar muito próximos à área urbana e por ir à sede do município de Londrina com frequência.

Essas questões geográficas (como a proximidade com a área urbana e, em especial, da classe alta do município) e econômicas (em que muitos arrendam suas terras para os grandes produtores, enquanto outros praticam a agricultura familiar ou são contratados para o trabalho no agronegócio de grandes propriedades), junto às questões pedagógicas da escola (em que o rural é valorizado por meio de projetos e as avaliações externas e o acesso às universidades são priorizados nas aulas) evidenciam uma pergunta difícil de responder: o Colégio Estadual do Patrimônio Regina é uma *escola do campo*?

REFERÊNCIAS

BORGES, L. G; SACHS, L. Planos de Estudos e Aulas de Matemática: Ideias Para o Complexo “Produção de Alimentos” das Escolas Itinerantes. **Encontro Paranaense de Educação Matemática**, Cascavel, 21 – 23 de setembro de 2017.

Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial República Federativa do Brasil**, Brasília, 23 dez. 1996.

Disponível em:

<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=23/12/1996>. Acesso em 6 de março de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª séries)**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, 2013.

CALEGARI, M. **Londrina** – Distrito do Espírito Santo e Patrimônio Regina. 9 de junho de 2016. Disponível em: <http://blogdamaricalegari.com.br/2016/06/09/londrina-distrito-do-espírito-santo-e-patrimônio-regina>. Acesso em 22 de janeiro de 2019.

CARTA de Porto Barreiro. Porto Barreiro, 2000. Disponível em:

https://educanp.weebly.com/uploads/1/3/9/9/13997768/carta_de_porto_barreiro.pdf.

Acesso em: 12 de agosto de 2018.

CAPELO, M. R.C. **Educação, Escola e Diversidade Cultural no Meio Rural de Londrina**: quando o Presente Reconta o Passado. 2000. 298 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

CASARIL, C. C. **Meio século de verticalização urbana em Londrina – PR e sua distribuição espacial**: 1950 – 2000. 2008. 266 f. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA

CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **O que é História Oral**. Disponível em:

<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>. Acesso em 18 de dezembro de 2017.

COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA. **Projeto Político Pedagógico**. Londrina, 2016.

COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA. “Em Colégio Estadual do Patrimônio Regina”. 13 de set. de 2017a. Post do Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/356912784437036/photos/pcb.1297601173701521/1297599353701703/?type=3&theater>. Acesso em 01 out. 2018.

COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA. “Em Colégio Estadual do Patrimônio Regina”. 23 de nov. de 2017b. Post do Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/356912784437036/photos/a.1367016096760028/1367027876758850/?type=3&theater>. Acesso em 26 set. 2018.

COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA. “Em Colégio Estadual do Patrimônio Regina”. 24 de nov. de 2017c. Post do Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/356912784437036/photos/ms.c.eJxFksERRCEIQzvaARJA~_29sR~;ji9Q0kJKqIFMVOkQ1P~;rSAbTsgcl~;gAC3F9QNQjwyB2Z2IVSBmBftoJGbC8kxQ5YESzRwNLUBcsNrWxhZRh8E~;QAR4vNedoBwX21eUIAqH0UjURHCA18SOcVntgpf2uOz1~ vC~ 9AJm9aExaRerD78a7Pg28aEsF59Lc1UWu3dQolbmdEqteLwVadsLUBXGngrZWXyyUK1EzSd~ dPzpVPo7TEFm0Q~ 1ptN6bH19dHxMfHp3qwEHfvh6lw~---.bps.a.1367012090093762/1367013360093635/?type=3&theater. Acesso em 01 out. 2018.

COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA. “Em Colégio Estadual do Patrimônio Regina”. 21 de dez. de 2017d. Post do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/356912784437036/photos/a.1387473298047641/1387473764714261/?type=3&theater>. Acesso em 01 out. 2018.

COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA. “Em Colégio Estadual do Patrimônio Regina”. 18 de mai. de 2018a. Post do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/356912784437036/photos/pcb.1530991580362478/1530990993695870/?type=3&theater>. Acesso em 01 out. 2018.

COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA. “Em Colégio Estadual do Patrimônio Regina”. 19 de set. de 2018b. Post do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/356912784437036/photos/a.359245384203776/1697137317081236/?type=3&theater>. Acesso em 30 jan. 2019.

COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA. “Em Colégio Estadual do Patrimônio Regina”. 19 de set. de 2018c. Post do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/356912784437036/photos/a.359245384203776/1697135320414769/?type=3&theater>. Acesso em 30 jan. 2019.

COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA. “Em Colégio Estadual do Patrimônio Regina”. 24 de set. de 2018d. Post do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/356912784437036/photos/a.359245384203776/1702490969879204/?type=3&theater>. Acesso em 17 jan. 2019.

COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA. “Em Colégio Estadual do Patrimônio Regina”. 05 de out. de 2018e. Post do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/356912784437036/photos/a.359245384203776/1714319272029707/?type=3&theater>. Acesso em 30 jan. 2019.

COSTA, V. Colégio do Patrimônio Regina está entre os melhores do Paraná. **Folha de Londrina**, Londrina, 12 out. 2016. Disponível em: <http://www.folhadelondrina.com.br/geral/colégio-do-patrimonio-regina-esta-entre-os-melhores-do-parana-960599.html>. Acesso em 23 de dezembro de 2017.

COSTA, V. O reencontro de Regina com os moradores. **Folha de Londrina**, Londrina, 15 ago. 2014. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/o->

reencontro-de-regina-com-os-moradores-890312.html. Acesso em 02 de fevereiro de 2019.

FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. O campo da educação do campo. In: MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. S. A. (Orgs.) **Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**. Brasília, 2004. Coleção Por Uma Educação do Campo, n. 5, p. 53-89.

GARNICA, A. V. M. História oral em educação matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa. **História Oral**, v. 18, n. 2, p. 35-53, jul./dez. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. 2012. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 02 de agosto de 2018.

LONDRINA. Secretaria Municipal de Planejamento, Orçamento e Tecnologia. **Perfil dos Distritos – 2013**. Londrina, 2013.

LONDRINA. Secretaria de Planejamento – Prefeitura do Município de Londrina. **Perfil do Município de Londrina 2017 (Ano-Base 2016)**. Londrina, 2017.

NERY, I. I. J. Apresentação. In: KOLLING, E. J.; CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. (Org.). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002.

OLIVEIRA, S. F. As vozes presentes no texto acadêmico e a explicitação da autoria. **Pedagogia em ação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 3-21, 2014.

PARANÁ. Resolução nº 4783, de 2010. Institui a Educação do Campo como Política Pública Educacional com vistas à garantia e a qualificação do atendimento escolar aos diferentes sujeitos do campo, nos diferentes níveis e modalidades de ensino da Educação Básica. **Diário Oficial**, Curitiba, 18 nov. 2010. Disponível em: <http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=69377&indice=1&totalRegistros=1>. Acesso em: 8 de agosto de 2018.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação do campo**. Curitiba: SEED, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/diretriz_edcampo.pdf. Acesso em: 16 de setembro de 2018.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Núcleos Regionais de Educação. **Núcleo Regional de Educação de Londrina**. Disponível em: <http://www.nre.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=538>. Acesso em 26 set. 2018.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. **História Oral na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SILVA, M. N. D. et. al. **Dona Izilda e a Venda dos Pretos: solidariedade e resistência**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2016.

THOMÉ, N. Movimento escoteiro: projeto educativo extra-escolar. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, n. 23, p. 171-194, set. 2006.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. Museu Histórico de Londrina. **Um Presépio na Rua de Todas as Compras**. Organizadores: Thiago Machado Garcia, Felipe Augusto Leme de Oliveira e Taiane Vanessa da Silva. Londrina: UEL, 2015.

VIANNA, C. R. Sem título. In: GARNICA, A. V. M. (Org.). **Cartografias contemporâneas**: mapeando a formação de professores de Matemática no Brasil. Curitiba: Appris, 2014. p. 67-85.

